

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
BACHARELADO EM LETRAS - TRADUÇÃO - INGLÊS

ESTELA CANDIDO VIEIRA

**[H]IPÓTES[ES] TRADUTÓRIAS: UM ESTUDO BASEADO EM
CORPORA DA TERMINOLOGIA E DA FRASEOLOGIA EM
SITES DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS LITERÁRIOS**

JUIZ DE FORA

2025

Estela Candido Vieira

**[H]IPÓTES[ES] TRADUTÓRIAS: UM ESTUDO BASEADO EM
CORPORA DA TERMINOLOGIA E DA FRASEOLOGIA EM SITES DE
PERIÓDICOS CIENTÍFICOS LITERÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras: ênfase em Tradução-Inglês.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Aparecida Faria de Almeida

JUIZ DE FORA

2025

Estela Candido Vieira

**[H]IPÓTES[ES] TRADUTÓRIAS: UM ESTUDO BASEADO EM CORPORA DA
TERMINOLOGIA E DA FRASEOLOGIA EM SITES DE PERIÓDICOS
CIENTÍFICOS LITERÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras: ênfase em Tradução-Inglês.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Aparecida Faria de Almeida

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Sandra Aparecida Faria de Almeida - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª Priscilla Pellegrino Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^º. Dr. Adauto Lúcio Caetano Villela
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, ____ de _____ de 2025.

Dedico este trabalho à universidade pública, à ciência e à democracia,
pilares que sustentam nosso país e que precisam constantemente
sobreviver aos martelos da ignorância humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro, a mim, e a todas as versões que fui em meus 23 anos de vida, especialmente a partizinha que não desistiu do curso e da profissão que escolheu, apesar de quaisquer críticas. Por mais condescendente que esse agradecimento possa parecer, estudar longe de tudo com o que cresci e da segurança da minha família exigiu, e continua exigindo, muita coragem e resiliência. É desafiante reconhecer que a jornada da vida adulta é por vezes solitária, frustrante e insegura, mas também é emocionante e libertadora. O presente é a realização de uma adolescente estudiosa cujo maior sonho era a universidade. Os livros sempre foram o refúgio dela e, graças aos sonhos dela, o futuro será uma aventura que uma adulta formada apreciará deverasmente.

Agradeço intensamente a minha mãe e ao meu pai, cujo suporte financeiro e emocional foi o principal motivo pelo qual atravessei essa jornada longe de casa com força e coragem. Ter um lar, nos braços de vocês, para voltar e recarregar as energias tem sido imprescindível para enfrentar os desafios da vida adulta. Meu amor por vocês é algo incapaz de ser medido.

Ao meu irmão, pela sua amizade desde o berço. Obrigada por sempre enfrentar o mundo primeiro, deixando as portas abertas para que eu faça o mesmo. Rir com você sempre foi o remédio para todos os males.

Ao amor da minha vida, por me ensinar a beleza de amar e ser amada e por seu apoio incondicional. Por ser o sol que iluminou os meus dias mais nublados nos últimos anos. Este trabalho com certeza não existiria sem o Mateus, seus omeletes e seus carinhosos puxões de orelha.

Aos meus amigos, Vitor, Juh, Cadu, Iara e Victor, por todos os almoços recheados de risadas, pelos dias de jogos, pelo carinho e pelo futuro que ainda enfrentaremos juntos. Vocês me ensinaram que há amor nas amizades e que esse amor se importa, cuida, apoia e protege. Um adulto com bons amigos tem o mundo nas mãos.

À minha gatinha, Aylah, cujos ronronados me fizeram companhia nas madrugadas que passei escrevendo este trabalho.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Sandra Almeida, pela paciência, pela orientação e pelo conhecimento compartilhado ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Adauto Villela e à Prof^ª. Dr^ª. Priscilla Pellegrino por suas contribuições e por sua disponibilidade em compor a banca examinadora deste trabalho.

Por fim, aos queridos professores da Faculdade de Letras, por compartilharem seu inestimável conhecimento e pelo acolhimento que apenas a Letras pode proporcionar. Em especial, agradeço à Prof^a. Dr^a. Mercedes Marcilese e à Prof^a. Dr^a. Patrícia Fabiane, por germinarem a minha paixão pela Linguística, por me acolherem como pessoa para além de sua aluna. Sua dedicação, didática, força, carinho e respeito possuem minha eterna admiração. E à Prof^a. Dr^a. Elena Santi, pela oportunidade de participar da Equipe Editorial da Ipotesi e pela orientação gentil ao longo de todo o processo.

RESUMO

Neste trabalho, estabelecemos uma relação entre a tradução técnica, a cultura (Azenha, 1999), o gênero e a comunidade discursiva (Swales, 1990), com o objetivo fundamental de identificar e analisar unidades terminológicas (UTs) e fraseológicas (UFs) próprias à produção e à tradução de textos de websites de periódicos científicos da área dos Estudos Literários, tendo como perspectivas a convencionalidade (Tagnin, 2005), a Terminologia e a Fraseologia (Bevilacqua; Kilian, 2017; Bevilacqua, 2005; Krieger; Finatto, 2023) e a Linguística de Corpus (Sardinha, 2000; Tagnin, 2005; Tagnin, 2002, *apud* Rinco, 2022). Tomando como base três corpora distintos — um Corpus do Português (CP); um Corpus Traduzido (CT); e um Corpus do Inglês (CI) —, compilados dos textos das abas *Sobre a Revista e Submissões*, de 10 periódicos brasileiros, e das abas *About the Journal e Submissions*, de 10 periódicos estadunidenses, selecionamos as 100 unidades terminológicas mais frequentes em português, junto a suas versões em inglês no CT e no CI. Partimos da hipótese de que as versões dos corpora monolíngues seriam mais circunscritas às suas línguas do que a versão traduzida, enquanto a tradução estaria circunscrita a um mesmo centro gravitacional traduzido (Baker, 2004), ligado às construções do português. Sob essa hipótese, as unidades serão analisadas através de um método misto (Schiffrin, 1987), cuja associação entre a metodologia quantitativa e a metodologia qualitativa será utilizada para refletir sobre os padrões de uso e de convencionalidade (Tagnin, 2005) dessas unidades e de suas traduções, bem como seu papel como núcleo de unidades fraseológicas (Bevilacqua, 2005) em português e em inglês. Para a análise qualitativa da tradução dessas unidades, abordamos diferentes visões do conceito de equivalência, de acordo com Barbosa (2004), Cunha Lacerda (2010) e Arntz, Picht e Mayer (2002, *apud* Bevilacqua; Kilian, 2017), procurando observar se as unidades em português correspondiam parcial ou totalmente a suas versões em inglês, quais as diferenças entre elas e se as UTs eram de fato o núcleo de uma UF. Por fim, apresentamos um glossário terminológico, compilado a partir das análises implementadas.

Palavras-chave: Tradução técnica. Linguística de Corpus. Terminologia. Fraseologia. Periódicos científicos.

ABSTRACT

This work establishes a connection between specialized translation, culture (Azenha, 1999), and genre and discourse community (Swales, 1990), with the fundamental objective of identifying and analyzing terminological units (TUs) and phraseological units (PUs) specific to the production and translation of texts from scholarly journal websites in the field of Literary Studies, through the perspectives of conventionality (Tagnin, 2005), Terminology and Phraseology, (Bevilacqua; Kilian, 2017; Bevilacqua, 2005; Krieger; Finatto, 2023) and Corpus Linguistics (Sardinha, 2000; Tagnin, 2005; Tagnin, 2002, *apud* Rinco, 2022). Based on three different corpora — a Portuguese Corpus (PC); a Translated Corpus (TC); and an English Corpus (IC) —, compiled from the texts of the Sobre a Revista and Submissões tabs of 10 Brazilian journals, and the About the Journal and Submissions tabs of 10 US journals, we extracted the 100 most frequent terminological units in Portuguese, together with their English versions in the TC and IC. Based on the hypothesis that the versions of the monolingual corpora would be more circumscribed to their languages than the translated version, while the translation would be confined to the same translated gravitational center (Baker, 2004), more linked to the constructions in Portuguese, these units will be analyzed using a mixed method (Schiffrin, 1987), whose combination of quantitative and qualitative methodologies will be used to reflect on the patterns of use and conventionality (Tagnin, 2005) of these units, and their respective translations as well as their role as the core of phraseological units (Bevilacqua, 2005) in Portuguese and English. For the qualitative analysis of these translated units, we will address different views of the concept of equivalence, according to Barbosa (2004), Cunha Lacerda (2010) and Arntz, Picht, and Mayer (2002, *apud* Bevilacqua; Kilian, 2017). We seek to answer if the units in Portuguese correspond partially or totally to their English versions, and what the differences between them are, and whether the TUs are in fact the core of a PU. Finally we also include a glossary of terms, compiled from the analyses undertaken.

Keywords: Technical translation. Corpus Linguistics. Terminology. Phraseology. Scholarly journals.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 - Print do software <i>Antconc</i> na ferramenta <i>Wordlist</i> -----	46
Figura 2 - Captura de tela do site da revista Anuário de Literatura na aba <i>Sobre a Revista</i> .---	51
Figura 3 - Captura de tela do site da revista Diadorim na aba <i>About the Journal</i> -----	51
Figura 4 - Captura de tela do site da revista American Literature na aba <i>About the Journal</i> --	52
Quadro 1 - Lista de periódicos para coleta de dados. -----	43
Quadro 2 - Exemplos de seleção de unidades por esquemática de cores.-----	45
Tabela 1 - Panorama geral da classificação das UTs coletadas. -----	48

LISTA DE ABREVIATURAS

- AS - Acta Scientiarum
AL - Anuário de Literatura
AJ - About the Journal
CI - Corpus do Inglês
CT - Corpus Traduzido
CP - Corpus do Português
CLS - Comparative Literature Studies
CL - Contemporary Literature
DD - Diadorim
ELBC - Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea
FZ - Fronteira Z
GR - Gragoatá
ILD - Ilha do Desterro
JML - Journal of Modern Literature
LC - Linguística de Corpus
LG - Legacy: a Journal of American Women Writers
LS - Literatura e Sociedade
MFS - Modern Fiction Studies
PPG - Programa de Pós-Graduação
RM - Remate de Males
SB - Submissões
SBM - Submissions
SN - Studies in the Novel
SR - Sobre a Revista
SK - Symploke
TCT - Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT - Teoria Geral da Terminologia
TROT - Terra Roxa e Outras Terras
TP - Treinamento Profissional
TGR - The Georgia Review
UT(s) - Unidade(s) terminológica(s)
UF(s) - Unidade(s) fraseológica(s)
UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - UM BREVE PANORAMA DA TRADUÇÃO TÉCNICA	20
1.1. A tradução técnica e sua relação com a cultura	20
1.2. Comunidade discursiva e gênero textual	23
1.3. Síntese do capítulo	25
CAPÍTULO II - COMO SE DIZ A CIÊNCIA: CONCEITOS DE CONVENCIONALIDADE	27
3.1. Coligações	29
3.1.1. Coligação Prepositiva	29
3.2. Colocações	29
3.2.1. Coligação Nominal	29
3.2.2. Colocação Adjetiva	29
3.2.3. Colocação Adverbial	29
3.3. Síntese do Capítulo	30
CAPÍTULO III - UNIDADES TERMINOLÓGICAS E UNIDADES FRASEOLÓGICAS: COMO IDENTIFICÁ-LAS E QUAL O SEU PAPEL NA TRADUÇÃO	31
3.1. Terminologia como disciplina e campo do conhecimento: um breve panorama histórico	31
3.2. Terminologia: conceitos relevantes	33
3.2.1. Termo ou Unidade Terminológica (UT)	34
3.2.2. Unidades Fraseológicas (UF)	34
3.3. A Terminologia e o Texto	36
3.4. Contribuições da Terminologia para a Tradução	36
3.4. A noção de equivalência em tradução: breve revisão	37
3.5. A Linguística de Corpus no estudo da Terminologia e na prática tradutória	37
3.6. Síntese do capítulo	38
CAPÍTULO IV - METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS	39
4.1.1. Objetivos	39
4.1.2. Hipóteses	40
4.2. Seleção e Coleta de Dados: a montagem dos corpora	40
4.2.1. Seleção de termos e fraseologias	42
4.3. Análise Quantitativa dos Dados	43
4.4. Análise Qualitativa dos Dados	47
4.4.1. UTs com Coligação Prepositiva	48
4.4.2. UTs com Colocação Nominal	50
4.4.3. Termos Substantivos	55
4.4.4. UTs com Colocação Adjetiva	59
4.4.5. UTs Sem Correspondência em Inglês	60
4.5. Síntese dos resultados	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

O atual mundo globalizado intensificou o intercâmbio científico, tecnológico e cultural entre as diferentes nações do mundo. Neste cenário, o léxico especializado torna-se uma ferramenta fundamental para garantir a eficiência dessa comunicação internacional, elevando, conseqüentemente, o estudo da Terminologia e da Fraseologia a uma posição de um campo do conhecimento essencial para a comunicação entre o registro, a organização e a divulgação desse conhecimento global. Dessa forma, com a transferência do intercâmbio de informações dos meios físicos para o online, a Academia – sendo esta a designação que damos neste trabalho as instituições de caráter científico e de ensino – se depara com duas novas necessidades: a) construir, e manter, uma presença online e b) que essa presença seja internacional, ou seja, que alcance públicos para além das fronteiras geográficas de sua língua nativa. Atendendo a essa demanda, os periódicos científicos das universidades brasileiras transferiram suas publicações para o meio digital, através de websites, e, agora, realizam um movimento de internacionalização de suas publicações.

Para que as chamadas de publicação desses periódicos alcancem pesquisadores internacionais, primeiro é preciso disponibilizar seus websites, chamadas e diretrizes em outros idiomas que não a língua portuguesa, em especial para a língua inglesa, língua frequentemente utilizada em contextos plurilíngues e internacionais e para a divulgação científica. Segundo uma pesquisa feita pelo Real Instituto Elcano sob o comando do pesquisador Ángel Badillo, e noticiada em 2021 no El País, 95% dos artigos publicados em revistas científicas em 2020 foram escritos em inglês, enquanto somente 1% estava em português ou espanhol.¹ Tendo isso em vista, pode-se observar a importância da Tradução Técnica dos periódicos e, ainda, a necessidade de se produzir pesquisas no campo dos Estudos da Tradução sobre esse novo campo amplo que é a Terminologia, seja em inglês ou em outras línguas, tão importante para a internacionalização, não apenas dos periódicos que adotarem as traduções do português para os demais idiomas, mas da pesquisa científica brasileira em geral.

Dessa forma, surge uma crescente demanda pelo domínio dos termos técnicos em inglês aliada a uma também cada vez maior demanda pela tradução técnica. Esse tipo de tradução procura transpor, de forma adequada e eficaz, a terminologia presente nos textos especializados de uma língua para a outra. Assim, essa função de transmissão do

¹<https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-07-28/em-95-dos-artigos-cientificos-ingles-cria-ditadura-da-lingua- apenas-1-esta-em-portugues-e-espanhol.html> - Acesso em 07 jul. 2025

conhecimento realizada pelos termos especializados justifica a importância de seu conhecimento e de sua divulgação em glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos. Sob esse viés, as autoras Krieger e Finatto (2023) alertam sobre a expansão contínua do interesse pela Terminologia:

A necessidade de contar com obras de referência plurilíngues na busca quer de conceitos, quer de denominações terminológicas atinge uma extensa gama de profissionais envolvidos com as linguagens técnicas. Entre eles, destacam-se os tradutores, intérpretes, documentalistas, redatores técnicos, lexicógrafos e terminógrafos, estudantes universitários, bem como outros profissionais considerados como usuários indiretos da terminologia. O interesse, portanto, não se restringe mais aos especialistas. (Krieger; Finatto, 2023, p.18-19)

É com esta visão de como a Terminologia extrapola fronteiras acadêmicas e de grupos especializados que este trabalho escolheu observar um recorte terminológico-fraseológico da tradução de websites de periódicos científicos.

Desse modo, a pesquisa ora implementada foi propiciada pelo meu Treinamento Profissional (TP) em Editoria de Periódico Científico na *IPOTESI: Revista de Estudos Literários*, periódico do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), durante os anos de 2023 e 2024, como voluntária. Durante o TP, ao compreender a importância de se promover a internacionalização de um periódico científico, identificamos a imprescindibilidade de traduzir o website da revista, em especial as abas *Sobre a Revista* (SR) e *Submissões e diretrizes para autores* (SB), para os demais idiomas além do português dos quais ela aceita trabalhos (inglês, espanhol, francês e italiano). A primeira aba (SR) contém informações como foco, escopo, periodicidade, histórico do periódico e a motivação por trás da escolha do nome *IPOTESI*; enquanto na segunda aba (SB), além de um lista de condições às quais os autores devem cumprir para preencher todo o processo de submissão de artigos corretamente, estão as normas de configuração para os artigos, os *templates* de exemplo, a Declaração de Direitos Autorais da revista, bem como sua Política de Privacidade. Tendo isso em mente, essas abas possuem informações essenciais para o funcionamento da revista, e, portanto, é de extrema importância que autores estrangeiros tenham acesso a essas informações, para que esclareçam suas dúvidas e se inscrevam no processo de avaliação do periódico de forma correta e com a qualidade de sua contribuição assegurada.

Foi sob esse viés que, no fim de 2023, uma primeira tradução foi realizada em conjunto com outra voluntária de TP, Judithe de Melo Bertolini, para que a *IPOTESI* pudesse

divulgar suas normas de publicação em língua inglesa junto a divulgação das edições do primeiro e segundo semestre de 2024, que visavam contribuições de pesquisadores estrangeiros, especialmente de língua italiana e francesa, cujos artigos estivessem escritos em outro idioma que não o português. Tendo em vista a experiência com essa primeira tradução e seus desafios, e uma reformulação do website da IPOTESI em 2024-25, optei por transformar o tema deste trabalho em uma análise do gênero textos de websites de periódicos científicos da área dos Estudos Literários, um gênero discursivo instrucional, bem como do público-alvo e da terminologia e da fraseologia desse tipo de texto. Uma tema que pudesse não só auxiliar na construção de uma nova tradução com mais qualidade para o site da IPOTESI (com maior precisão terminológica e adequação às convenções do idioma/cultura-alvo), mas também auxiliar futuros tradutores que porventura tiverem interesse em realizar traduções dessa mesma natureza.

Neste cenário, o presente trabalho propõe, como objetivo geral, identificar Unidades Fraseológicas (UFs) e Terminológicas (UTs) próprias à construção de textos para websites de periódicos científicos no contexto acadêmico brasileiro e suas respectivas traduções para a língua inglesa, sob a perspectiva da convencionalidade (Tagnin, 2005). De um modo mais específico, pretende-se alcançar os seguintes objetivos: i) estabelecer uma relação entre a tradução técnica, a cultura e a comunidade discursiva (Swales, 1990), trazendo para discussão a existência de desafios culturais na tradução técnica (Azenha, 1999); ii) estabelecer o papel fundamental dos corpora no auxílio à tradução técnica (Sardinha, 2000; Tagnin, 2005; Tagnin, 2002, *apud* Rinco, 2022); iii) aplicar conceitos relevantes da Terminologia e da Fraseologia (Bevilacqua; Kilian, 2017; Bevilacqua, 2005; Krieger; Finatto, 2023); e, por fim, iv) identificar e analisar as Unidades Terminológicas e Fraseológicas características dos websites de periódicos científicos literários, bem como as suas traduções, a fim de encontrar padrões que corroborem as teorias utilizadas.

Neste contexto, os limites para identificação dessas unidades são estabelecidos através da compilação de três corpora: um corpus com textos produzidos originalmente em português, extraído de duas abas (*Sobre a Revista e Submissões*) dos websites de 10 periódicos científicos brasileiros da área dos Estudos Literários. O segundo corpus é composto pelas traduções para o inglês dos textos do primeiro corpus, retiradas do próprio site de seus respectivos periódicos e, portanto, de autoria dos mesmos. Já o terceiro corpus foi produzido originalmente na variante estadunidense da língua inglesa e coletado sob os mesmos critérios: textos advindos de duas abas (*About the Journal e Submissions*) de 10 websites de revistas científicas dos Estados Unidos dentro do escopo dos Estudos Literários. Uma vez

estabelecidos os corpora, pretende-se utilizar um método de análise misto (Schiffrin, 1987) – por meio do qual se associam os métodos quantitativo e qualitativo – para analisar as unidades terminológicas e fraseológicas identificadas, com o intuito de encontrar padrões de uso e de convencionalidade que possam comprovar, ou não, as reflexões propostas neste trabalho e proporcionar uma reflexão acerca da tradução dos websites dos periódicos brasileiros escolhidos.

Dessa forma, como hipótese para a análise proposta defendemos que, enquanto as versões monolíngues dos textos são mais idiomáticas, mais circunscritas às suas respectivas línguas, as traduções estão restringidas a um mesmo centro gravitacional (Baker, 2004), possivelmente mais relacionadas às construções da sintaxe da língua portuguesa. Além disso, quanto às unidades terminológicas e fraseológicas a serem analisadas, pretendemos verificar se as unidades encontradas em português correspondem total ou parcialmente às unidades em inglês através das noções de equivalência total, parcial, não equivalência e inclusão de Arntz, Picht e Mayer (2002, *apud* Bevilacqua; Kilian, 2017). Desta maneira, pretendemos elucidar o que condiciona as diferenças nos casos em que as correspondências não são totais. Por último, tendo em vista o conceito de Bevilacqua (2005) de que unidades fraseológicas especializadas são formadas por dois núcleos, verbal e terminológico; buscamos identificar se as Unidades Terminológicas em análise são de fato núcleo de uma das Unidades Fraseológicas em que se fazem presentes nos corpora.

Com isso, o primeiro capítulo deste trabalho realiza um breve panorama da tradução técnica, procurando trazer influências intra e extra linguísticas à luz do processo tradutório especializado e daquele chamado de tradutor técnico. Para tratar dessas influências, abordaremos a cultura, a partir das noções de condicionantes culturais de Azenha (1999), e o gênero textual e a comunidade discursiva, pelas postulações de Swales (1990).

Logo após, o segundo capítulo aborda os aspectos de convencionalidade das línguas, em referência a variante brasileira da língua portuguesa e a variante estadunidense da língua inglesa, em conformidade com conceitos de Tagnin (2005).

O terceiro capítulo apresenta conceitos relevantes acerca dos estudos da Terminologia e da Fraseologia, de forma que os preceitos de Bevilacqua e Kilian (2017); Bevilacqua (2005) e Finatto e Krieger (2023) sirvam de alicerce para a nossa busca por Unidades Terminológicas e Fraseológicas características de websites de periódicos científicos. Como nossa pesquisa é baseada em corpora, discutiremos também, brevemente, sobre sua contribuição para os Estudos da Tradução (Tagnin, 2005; Tagnin 2002, *apud* Rinco, 2022; Sardinha, 2000). Por fim, o capítulo aborda diferentes visões para o termo equivalência de acordo com Barbosa

(2004), Cunha Lacerda (2010) e Arntz, Picht, e Mayer (2002, *apud* Bevilacqua; Kilian, 2017), uma vez que o usaremos em nossa análise.

Já o quarto capítulo aborda nossa metodologia e análise de dados. Neste ponto do trabalho, apresentaremos toda a metodologia utilizada na pesquisa, explicitando nossos objetivos, procurando responder nossas hipóteses e descrevendo todo o processo desde a seleção de textos para os corpora, a montagem dos corpora, até a identificação, seleção e classificação de unidades. Procuramos classificar as UTs e UFs encontradas de forma a encontrar padrões de convencionalidade (Tagnin, 2005) nos três corpora em análise, por meio de uma pesquisa quantitativa. Em seguida, apresentaremos uma análise qualitativa das Unidades Terminológicas selecionadas, de suas variações e de suas traduções, verificando sua qualidade como unidade especializada, a maneira como foram traduzidas e seu status nas Unidades Fraseológicas em que aparecem (Bevilacqua, 2005; Bevilacqua; Kilian, 2017).

Por fim, os trabalhos acadêmicos defendidos nesta universidade próximos ao tema da tradução de periódicos científicos abordam a tradução de resumos e abstracts de artigos presentes em revistas de Linguística, seja no par de línguas português-espanhol (Silva, 2023) seja no par português-inglês (Martins, 2014; Corrêa, 2023). Porém, nenhum deles destinou um olhar para os sites de periódicos de Estudos Literários, e, mais especificamente, para as partes dos sites que transmitem os manuais de submissão, as diretrizes para os autores e as descrições das revistas. Ademais, os trabalhos anteriores associados à Terminologia procuraram estabelecer uma interface entre a Linguística de Corpus (LC) e a terminologia técnica na área de TI (Rinco, 2022). Desta maneira, esta pesquisa visa contribuir para um novo campo de análise terminológica ao alinhar a LC à análise de UTs no campo dos Estudos Literários, ainda que na parcela científica da área (as diretrizes acadêmicas dos periódicos científicos literários), parte, até o presente momento, ainda não explorada nos estudos da Terminologia. Desta forma, este trabalho faz-se necessário e inovador, uma vez que a) adota uma ótica nova para a tradução técnica de periódicos e b) a tradução das abas online abordadas aqui é uma importante auxiliadora da internacionalização das revistas brasileiras, já que sua presença online em inglês pode despertar interesse de autores e de leitores dos mais diversos países, propiciando uma submissão de artigos clara e adequada e auxiliando na divulgação da ciência brasileira.

Assim, este trabalho busca dar mais visibilidade a este tipo de tradução técnica no ambiente acadêmico, além de contribuir para a expansão dos estudos da Terminologia e da Fraseologia e para a discussão da presença de aspectos culturais na tradução técnica, não se limitando a transferência de termos técnicos de uma língua para a outra. Esperamos, ainda,

que as discussões e as análises realizadas nesta pesquisa contribuam para a construção de futuras traduções de sites de periódicos científicos mais idiomáticas e mais naturais para o público-alvo, podendo extrapolar o nicho dos periódicos da área dos Estudos Literários.

CAPÍTULO I - UM BREVE PANORAMA DA TRADUÇÃO TÉCNICA

Neste primeiro capítulo, apresentaremos um breve panorama da tradução técnica sob os olhos do autor Azenha (1999). Neste ponto da pesquisa, pretendemos questionar a visão tradicional deste campo da tradução como uma mera transferência de termos ao posicioná-lo como um sistema que também recebe influência não apenas das características da língua em que é produzido e para onde é traduzido, mas também da cultura de partida e da cultura-alvo, de seu gênero textual e da comunidade discursiva (Swales, 1990) que produz e que recebe o texto. Deste modo, ao realizar todo o processo metodológico e analítico desta pesquisa, entendemos que um tradutor técnico precisa ser, para além de um especialista bilíngue na linguagem técnica na qual está trabalhando, um conhecedor das variáveis extralinguísticas que compõem a presença humana nos textos científicos, vistos que tais textos não se limitam a potes herméticos recheados de palavras rebuscadas, mas são meios de transmissão de conhecimento do homem para o homem. E onde há humanos, há humanidade.

1.1. A tradução técnica e sua relação com a cultura

A tradução técnica desempenha um papel social na comunicação humana, permitindo a transmissão do conhecimento para um idioma, cultura e público diverso daquele no qual e para o qual ele foi produzido. Esse papel é comumente associado à padronização, como se os termos para um determinado conceito fossem únicos e imutáveis, bastando-se apenas encontrar seu correspondente exato na língua para a qual se quer traduzir. No entanto, um mesmo referente no mundo pode ser associado a mais de um termo, como, por exemplo, mandioca, macaxeira e aipim; ou um único termo pode ter mais de um referente no mundo, como no caso de palavras como manga, ponto e banco no português brasileiro. A mera existência desses dois fenômenos já seria uma evidência empírica de que a tradução de termos não faz parte de uma lógica matemática de um para um. Mesmo em casos em que há palavras “sinônimas” para um mesmo conceito, a escolha entre utilizar uma opção em detrimento da(s) outra(s) não é feita pelo acaso e sim tem muito a dizer sobre a localização geográfica e o contexto cultural em que é produzida, a situação econômica do indivíduo, sua idade, seu grupo social, entre outras variantes que envolvem o contexto de produção daquele termo.

É nesse contexto que Azenha (1999) pondera sobre as condicionantes envolvidas no processo de tradução técnica. Segundo o autor, por muito tempo os desafios e os problemas da tradução técnica vêm sendo associados diretamente com questões de terminologia, critério

que também é tradicionalmente utilizado para diferenciar esse tipo de tradução das demais, a exemplo da tradução literária. Assim, a percepção da qualidade da tradução estaria atrelada ao nível de conhecimento terminológico técnico-científico do tradutor ao traduzir e do leitor ao ler o texto com tal sensibilidade técnica que fosse capaz de perceber falhas terminológicas derivadas da imprecisão, ou da falta, do conhecimento especializado pelo tradutor. Isso implicaria assumir para o texto técnico uma “noção de sentidos estáveis e, como consequência dela, uma noção de tradução centrada eminentemente numa operação de transcodificação” (Azenha, 1999, p. 10), visão rechaçada nos demais tipos textuais do campo tradutório. Ainda de acordo com o autor, o erro não está em levar em conta questões terminológicas ao se refletir sobre a tradução técnica, mas em limitá-la a uma operação entre códigos, rebaixando a criatividade e a autoria do tradutor técnico a uma posição menos privilegiada em relação aos outros tipos de tradutores.

Neste contexto, o texto técnico, para além de sua terminologia científica (e entrelaçado a ela), estaria também sob influência de condicionantes diretamente ligados a fatores culturais. Alguns dos condicionantes culturais aos quais esse tipo de texto está submetido, citados por Azenha (1999), são: os efeitos do tempo e do espaço; os códigos linguísticos; as diferentes situações de comunicação técnica; a evolução das ciências; as diferentes legislações; as defasagens tecnológicas entre os países; seus diferentes critérios de medição e de normatização; a intermediação de terceiros (que podem ser consultores técnicos, editoras, agências de publicidade, mercado empresarial, entre outros); aspectos pessoais do tradutor (como sua história, formação e psicológico); nível de interferência dos profissionais de revisão e de preparação do texto; e, por fim, as condições de recepção pelos usuários. Essas variáveis, entre outras, são inerentes a um contexto histórico-cultural e “são condicionadas por normas sociais e de uso linguístico sujeitas a constantes alterações nas diferentes comunidades, em diferentes momentos de tempo” (Azenha, 1999, p. 22). Esse viés traz uma nova visão sobre a tradução técnica como um equilíbrio entre os fatores linguísticos-técnicos e os fatores culturais, pois não seria um simples processo de transcodificação, mas um “ato de comunicação” (Snell-Hornby, 1988, *apud* Azenha, 1999, p. 32), uma vez que a própria língua não é um elemento isolado do mundo, mas uma das manifestações da cultura de um determinado grupo, ao mesmo tempo que é parte integrante dessa cultura. Assim, o tradutor estaria cometendo um equívoco ao deixar de fora do processo tradutório aspectos do contexto mais imediato da situação e aspectos do contexto cultural mais amplo, uma vez que a relação entre texto e contexto pode ser interpretada de forma dialética, em que o “texto cria o contexto

tanto quanto o contexto cria o texto” e o *significado* seria o “atrito entre os dois” (Halliday; Hasan, 1985, *apud* Azenha, 1999, p. 29).

Tendo isso em vista, e estabelecendo-se o lugar da tradução técnica como ato da comunicação, Azenha (1999) recupera noções de diferentes autores sobre a função comunicativa da tradução e estabelece que a função do texto de chegada, mais do que a função e os recursos do texto de partida, deve nortear toda a estratégia do projeto tradutório também para esse tipo de tradução. Assim, o parâmetro para a qualidade de uma tradução técnica passaria a ser como as escolhas linguísticas (e aqui entram as escolhas terminológicas) cumpriram as exigências da situação e o objetivo do texto de chegada.

Neste cenário, o autor afirma ainda que uma tradução não é isenta de interesses, seja ela quando feita para um grupo técnico específico ou para que se aventure além dele – o que impactará na função desse texto de chegada. No caso da tradução de sites de periódicos, há o interesse na internacionalização do próprio periódico (e das universidades ligadas a eles) e, conseqüentemente, do aumento do volume de artigos em língua estrangeira nas suas chamadas para publicação. Neste sentido, há a influência de condicionantes culturais como a cultura/idioma-alvo da tradução do website; o público que se espera alcançar; o campo do conhecimento em que a revista está inserida; o gênero textual adequado para o ambiente on-line; o tempo (pois é ideal que a tradução seja, além de adequada ao linguajar linguístico-técnico de sua época, também revista de tempos em tempos para conferir se há atualizações na terminologia da área de conhecimento); mudanças nas diretrizes para autores; possíveis interferências nas escolhas tradutórias pela Equipe Editorial da revista; entre outros fatores. Ademais, as normas de submissão específicas de um determinado número temático também devem ser traduzidas e incluídas no site, causando, assim, mudanças temporárias no texto e a influência temporária de outros condicionantes culturais.

Com todos estes fatores de condicionamento em mente, Azenha (1999) propõe que um projeto tradutório precisa ter, entre suas designações, o cuidado de não apagar as referências que o texto fonte faz ao grupo/instituição/cultura em que foi produzido o conhecimento, ao mesmo tempo em que é eficaz na cultura-alvo da tradução. Ou seja, a tradução precisa ser um equilíbrio entre as condições culturais de partida e às condições de recepção, preferencialmente ao que se refere à funcionalidade e ao público-alvo do texto de chegada.

Com isso, o tradutor, em seu ofício, deve equilibrar o desenvolvimento de suas competências linguísticas com a posição que toma para a tradução perante os condicionantes aos quais é submetido. Isso quer dizer que, para além de um conhecimento linguístico e terminológico refinado, o tradutor precisa saber justificar as suas escolhas tradutórias no

momento em que, e se, forem questionadas. Um tradutor não deve ser isento das consequências de suas escolhas tradutórias.

Portanto, pode-se observar que o conceito de texto técnico alinha-se ao próprio conceito de linguagem, com dimensões linguísticas e não-linguísticas e cujo “contexto comunicativo-funcional mais imediato (...) sofre as influências da moldura cultural” (Azenha, 1999, p. 89). Dessa forma, a visão apresentada até aqui nos permite fazer uma conexão entre a percepção cultural de Azenha de texto técnico com as proposições sobre gênero textual e comunidade discursiva de Swales (1990), que serão exploradas na próxima subseção, uma vez que a funcionalidade do texto traduzido está intrinsecamente ligada ao gênero textual e à cultura envolvidos na produção do texto-fonte, no processo tradutório e na recepção do texto traduzido, assim como está ligada à comunidade discursiva para a qual a tradução é destinada.

1.2. Comunidade discursiva e gênero textual

Para entender a relação da comunidade discursiva com o processo tradutório e, conseqüentemente, com o texto traduzido, é necessário, primeiro, entender o que faz de um grupo de indivíduos uma comunidade discursiva. Para isso, optamos pelas condições de formação desse tipo de comunidade estabelecidas por Swales (1990).

A primeira condição é a de que uma comunidade discursiva precisa ter um ou mais objetivos comuns acordados e expressos de forma pública, isso auxilia a escolha de membros e evita que indivíduos que tenham interesses diversos a esses objetivos associem-se à comunidade ou tentem se aproveitar dela ou destruí-la. A segunda condição é que esse conjunto de membros deve utilizar mecanismos de comunicação entre si. O que nos leva à terceira condição: essa comunicação precisa proporcionar a troca de informações e de feedbacks. A quarta e a quinta condição estão ligadas à produção comunicativo-textual da comunidade, sendo elas, respectivamente, o estabelecimento de um ou mais gêneros para comunicação e a existência de um léxico específico. Já a sexta, e última, condição para o estabelecimento de uma comunidade discursiva é que todos os seus membros precisam ter conteúdo relevante e experiência discursiva.

Para ilustrar a relevância da coexistência entre as seis condições, o autor dá o exemplo dos pesquisadores que se debruçam sobre o estudo do Vaticano. Nesse caso, o compartilhamento de um mesmo objeto por estudantes de história, pelas dioceses e pelos seminários de teologia não é requisito suficiente para considerá-los uma única comunidade discursiva. A visão de Swales (1990) nos leva, então, a compreender que mesmo que todos

esses pesquisadores compartilhem o mesmo objeto, o mesmo autor ou a mesma metodologia de pesquisa, eles não necessariamente compõem uma comunidade se, no mínimo, não estabelecerem um gênero textual comum, um diálogo de conteúdo relevante entre membros e não seguirem um mesmo objetivo.

(...) nem o objeto de estudo partilhado, nem o procedimento comum, nem a interação, nem a convenção discursiva acordada serão, por si só, condições necessárias e suficientes para a emergência de uma comunidade discursiva, embora uma combinação de alguns ou de todos possa ser necessária. Pelo contrário, a ausência de qualquer uma delas (áreas temáticas diferentes, procedimentos contraditórios, ausência de interação e convenções discursivas múltiplas) pode ser suficiente para impedir a formação de uma comunidade discursiva. (Swales, 1990, p. 22-23, tradução nossa)²

No entanto, faz-se necessário ressaltar que, diferente da *comunidade de fala* da Sociolinguística (Labov, 1972), a palavra discurso no conceito de *comunidade discursiva* tem seu foco na escrita e não na fala, importando-se com as implicações que a atividade literária do discurso irá gerar e não com o seu meio de produção. Essa qualidade textual, inclusive, rompe os limites geográficos e permite, inclusive, que indivíduos de localidades distantes uns dos outros, e até com diferentes nacionalidades, interajam entre si e com o discurso e que integrem a mesma comunidade discursiva. Outra diferença entre os dois tipos de comunidade é que, na comunidade de fala, o discurso é moldado por necessidades comunicativas do grupo (como a socialização), enquanto na discursiva o comportamento linguístico é moldado pelas necessidades funcionais do texto, uma vez que se trata de um grupo unido em prol de objetivos que foram estabelecidos antes de tentativas de socialização. Esse molde funcional também se refletirá na tradução desse discurso, desse texto, pois, para ser uma tradução apropriada a sua comunidade discursiva, o texto traduzido precisa, acima de uma fidelidade da forma, cumprir os objetivos propostos no texto original juntamente com os objetivos que o levaram a ser traduzido.

Nesse contexto, o estabelecimento do próprio termo *comunidade discursiva* reforça a noção de que “o discurso funciona dentro de convenções definidas por comunidades” e que o “uso da língua num grupo é uma forma de comportamento social” (Herzberg, 1986, *apud*

²Texto original: “neither shared object of study nor common procedure nor interaction nor agreed discursal convention will themselves individually be necessary and sufficient conditions for the emergence of a discourse community, although a combination of some or all might. Conversely, the absence of any one (different subject areas, conflicting procedures, no interaction, and multiple discourse conventions) may be enough to prevent discourse community formation”

Swales, 1990, p. 21, tradução nossa)³. Dessa forma, não se pode considerar o texto, por mais técnico que seja, uma entidade destacada do mundo. Se a linguagem verbal é uma manifestação da língua e esta, por sua vez, é uma forma de comportamento social, o texto técnico está suscetível a um certo nível de subjetividade na forma das influências sócio-culturais de suas comunidades discursivas. Assim, o discurso se torna um instrumento essencial na manutenção, produção e divulgação do conhecimento e, como estabelecido por Azenha na subseção anterior, permeado por condicionantes que vão muito além da precisão técnico-terminológica.

Tendo isso em vista, e com as condições estabelecidas por Swales (1990), podemos desenhar a formação de uma comunidade discursiva de produção e de recepção dos textos presentes nos sites de periódicos científicos da área de literatura, bem como de suas traduções. Acreditamos que existam duas comunidades presentes nesse ambiente, uma mais permanente formada pelas Equipes Editoriais dos periódicos como comunidade de produção dos textos, que possui como objetivo divulgar o periódico e estabelecer diretrizes para os autores interessados em submeter seus artigos aos seus processos de avaliação. Esses objetivos requerem um texto claro, objetivo, coeso e com certo distanciamento. Argumentamos sobre a existência de uma segunda comunidade discursiva, dessa vez temporária, composta pelos pesquisadores que desejam submeter seus trabalhos para o processo de avaliação. Essa segunda comunidade é temporária porque a cada Chamada de Publicação da revista um conjunto de pesquisadores diferentes se interessará – um mesmo pesquisador até pode se interessar por ter seu trabalho em mais de um número da revista, mas como ele não estará em todos os números sua presença não pode ser considerada tão permanente quanto uma Equipe Editorial pode ser. Da mesma forma, esses pesquisadores, comunidade discursiva-alvo desses textos dos websites, exigem um texto claro, objetivo e coeso, para que seja fácil de localizar informações e instruções importantes que ditarão se o perfil do autor se encaixa com o perfil do periódico e que auxiliarão no processo de escrita/formatação do texto, para que haja o menor número de erros possível.

Sob esse viés, Swales (1990) compreende que, estabelecida uma comunidade discursiva com objetivos comunicativos comuns, esses objetivos justificarão o estabelecimento de um gênero textual cuja finalidade estabelecerá o conteúdo e o estilo do texto. Esse gênero terá exemplares textuais com padrões de semelhança em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Desse modo, um texto, para ser reconhecido como

³Texto original: “(...) discourse operates within conventions defined by communities, (...)” e “(...) language use in a group is a form of social behavior (...)”

participante de um gênero, deve ser reconhecido e validado pela comunidade discursiva que produz o texto e que, igualmente, tenha estabelecido o gênero. Em resumo, é compreender que esses gêneros e os textos produzidos por eles servem as intenções comunicativas das comunidades discursivas.

Nesta perspectiva, o autor possui uma visão funcionalista e pragmática dos gêneros textuais, que conecta a linguagem às práticas sociais, ou seja, um gênero textual é também uma categoria social e comunicativa, central para a interação em comunidades discursivas específicas. Sob esse viés, é possível compreender que, apesar de terem formas convencionais, os gêneros se adaptam às mudanças sociais, tecnológicas e culturais, assim como à ciência e aos periódicos científicos.

1.3. Síntese do capítulo

Neste capítulo, apresentamos uma visão funcionalista e pragmática da linguagem técnica, ligando a criação e a tradução desses textos a práticas sociais, uma vez que tratam do registro de um momento sociocultural e histórico produzido por indivíduos em suas respectivas comunidades discursivas. Dessa forma, esse tipo de texto está exposto à ação de um número elevado de variáveis culturais, como o efeito do tempo e do espaço; diferenças tecnológicas e científicas entre países; níveis de interferência de profissionais do texto; se é intermediado por um tradutor; etc. Variáveis essas que condicionam a realidade cultural em que o texto técnico e, especialmente a tradução técnica, é produzida e recepcionada. Sua terminologia, longe de ser estática e imutável, facilmente transferível de uma língua para outra, é dinâmica e admite uma “margem de subjetividade” (Azenha, 1999, p. 11) tanto do autor quanto do tradutor.

Em uma análise crítica dos postulados de Swales e Azenha, é possível inferir, então, que um bom tradutor deve, para além de um bom domínio dos seus idiomas de trabalho, conhecer as convenções culturais e retóricas do discurso, no caso deste estudo, as convenções da comunidade discursiva acadêmica anglófona e brasileira da área dos Estudos Literários. Conhecer ou não as convenções culturais e as convenções textuais, bem como a comunidade discursiva que as produz e as vivencia, pode determinar o fracasso ou o sucesso do objetivo de divulgação científica de uma tradução em contextos internacionais.

CAPÍTULO II - COMO SE DIZ A CIÊNCIA: CONCEITOS DE CONVENCIONALIDADE

No capítulo anterior, estabelecemos as condições culturais e textuais presentes nos textos técnicos, nos termos da cultura, da comunidade discursiva, da função do texto (original e traduzido) e do gênero textual. Neste capítulo, trataremos então das características linguísticas presentes neste tipo de texto, assim como a sua relação com os condicionantes já expostos acima, de acordo com os pressupostos linguísticos de Tagnin (2005) sobre convencionalidade na língua.

3.1. “O jeito que a gente diz”: padrões de convencionalidade

Dessa forma, a autora Stella Tagnin, em seu livro intitulado “*O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas - Inglês e Português*”, de 2005, ressalta que, tão importante quanto ter um bom domínio do idioma com o qual se pretende comunicar, é saber dizê-lo do jeito que a comunidade falante o faz. Dizer algo de maneira correta do ponto de vista gramatical não necessariamente faz com que o discurso soe natural ao seu interlocutor, podendo-se causar uma estranheza tão grave quanto o mais grave dos erros gramaticais.

Sob esse viés, a autora retoma o conceito de “falante ingênuo” proposto por Fillmore (1979, *apud* Tagnin 2005), um indivíduo que, ao cometer o erro de não associar a sua língua de estudo às convenções sociais que a permeiam e à cultura a que está arraigada, está fadado a equívocos causados por interpretações literais do discurso. Entre esses equívocos Tagnin cita a incapacidade de identificar frases idiomáticas como *mundos e fundos*, cujo significado não é a soma dos significados de seus elementos; imagens metafóricas, como a criada com a expressão *estar nas nuvens*; e lexemas idiomáticos, como o fato de que prisão e cárcere são comumente utilizados como sinônimos, mas ao receberem o mesmo sufixo agentivo (-eiro) dão origem a duas palavras distintas: prisioneiro (aquele que está preso) e carcereiro (aquele que toma conta de prisioneiros). Um “falante ingênuo” igualmente comete erros por desconhecimento das convenções de estrutura de determinados textos e de expressões fixas a determinadas situações comunicativas. É especialmente esses últimos dois recursos linguísticos que nos importam na visão desse trabalho, textos técnicos são recheados dessas expressões fixas convencionalizadas pelas comunidades discursivas em que circulam, além de obedecerem a estrutura do gênero textual acordado pelas mesmas. Portanto, se é importante para aquele que produz o texto ter conhecimento dessas convenções linguísticas, é igualmente

importante para o tradutor do texto conhecê-las, tanto na cultura de produção quanto na cultura de recepção do texto traduzido.

Tendo isso em vista, a autora conceitua o que ela acredita ser esse *jeito de dizer*:

“Quando nos referimos ao “jeito que a gente diz” estamos, na verdade, falando de convenção, ou seja, daquilo que é aceito de comum acordo. As convenções linguísticas são os “jeitos” aceitos pela comunidade que fala determinada língua. Assim podemos chamar de convencionalidade o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística.” (Tagnin, 2005, p. 14)

Para entender o que é a convencionalidade citada por Tagnin, podemos recorrer a definição da palavra dada pelo dicionário online da língua portuguesa Houaiss. Segundo o Houaiss, convencionalidade é aquilo que é “consolidado pelo uso ou pela prática / relativo à convenção ou que dela resulta”⁴ (Convencionalidade, 2025). Essa convenção, de acordo com a autora, pode ocorrer em um nível linguístico, referente ao que dizer, e em um nível social, quando dizer, podendo, assim, ser convencionado de acordo com a situação social (o exemplo dado pela autora foi a expressão *Feliz Natal* estar ligada a festividade do Natal) ou de acordo com a sua forma (segundo exemplo do texto, a expressão *mundos e fundos* convencionou-se combinar esses dois vocábulos, e não quaisquer outros, ligados pela conjunção ‘e’ e nessa ordem, não fundos e mundos).

Dessa forma, fica claro que a maneira de dizer de um grupo é uma junção entre padrões linguísticos e padrões sociais estabelecidos no contexto de um discurso. Esses padrões convencionados em grupo podem ser considerados condicionantes culturais na visão de Azenha (1999) vista no capítulo anterior, do mesmo modo, podemos considerar a comunidade linguística de Tagnin, esse grupo com acordos linguísticos e sociais comuns, como uma comunidade discursiva (Swales, 1990). Dessa forma, pode-se dizer que as convenções linguísticas, no que se refere ao código linguístico e ao nível formal e situacional das expressões linguísticas, presentes nos textos técnicos produzidos por determinada comunidade discursiva, se encaixam nos parâmetros de condicionantes culturais vistos no capítulo anterior. Novamente, demonstra-se a ligação entre os textos técnicos e fatores culturais, e a importância do conhecimento desses fatores na tradução de textos técnicos.

Dentro desse contexto, Tagnin (2005) estabelece três níveis de convencionalidade: sintático, semântico e pragmático, cada nível formando unidades linguísticas distintas. O nível semântico forma expressões que não possuem uma relação aparentemente motivada entre sua

⁴ https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php// - Acesso em 21/07/2025

forma e seu significado, são as metáforas, como por exemplo *tirar água do joelho*. Já no nível pragmático, a situação determina certo comportamento social que, conseqüentemente, exige o uso de determinadas expressões, a autora dá como exemplo o comportamento social de agradecimento a um presente recebido exigir a expressão *obrigado(a)*. No entanto, como será visto no capítulo de análise, focamos no nível sintático de convencionalidade para estabelecer categorias de classificação das Unidades Terminológicas presentes nos corpora, mais especificamente nas “unidades linguísticas convencionais que se caracterizam pela combinabilidade de seus elementos” (Tagnin, 2005, p. 30): as coligações e as colocações.

3.2. Coligações

As coligações são unidades linguísticas formadas por uma base, de conteúdo semântico, e um elemento gramatical, sendo classificadas de acordo com o tipo do elemento gramatical.

As palavras que exigem uma regência, sejam elas substantivos, adjetivos, advérbios ou verbos, são chamadas de Coligação de Regência. Para utilizar exemplos dos nossos corpora, podemos citar *accepted for* em *the article shall be accepted for publication*⁵ [verbo + preposição] ou *democratização do (conhecimento)* [substantivo + preposição].

Há ainda os Phrasal Verbs, na língua inglesa, compostos por um verbo e uma partícula adverbial, como a expressão *carry out* no exemplo *The Editorial Board reserves the right to carry out a new review*⁶.

No entanto, não encontramos nenhuma Coligação de Regência ou Phrasal Verbs entre as 100 Unidades Terminológicas mais frequente selecionadas nos corpora. Dos três tipos de coligações estabelecidos por Tagnin (2005), apenas a terceira, Coligação Prepositiva, foi identificada.

3.2.1. Coligação Prepositiva

As Coligações Prepositivas são formadas por preposições e sintagmas nominais, sendo que a convencionalidade está na preposição a ser utilizada. Esse tipo de combinabilidade pode seguir os dois parâmetros abaixo:

⁵ Exemplo retirado do periódico *Acta Scientiarum* no Corpus Traduzido.

⁶ Exemplo retirado da revista *Gragoatá* no Corpus Traduzido.

[Preposição + Sintagma Nominal]

OU

[Preposição + Sintagma Nominal + Preposição]

Como exemplo, podemos citar a expressão *de acordo com* [Prep. + SN + Prep.] utilizada em *as submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores*⁷; e o nome de uma das abas objeto do nosso estudo, *Sobre a revista*, na configuração [Prep. + SN].

3.3. Colocações

Por outro lado, as colocações são unidades linguísticas formadas por duas palavras de significado completo, em que um dos elementos, ou os dois, são convencionalizados. Tagnin (2005) estabelece 6 tipos de colocações: nominais, adjetivais, adverbiais, verbais, expressões especificadoras de unidade e coletivos. No recorte das 100 UTs mais frequentes nos corpora em estudo, encontramos apenas os primeiros dois tipos: nominal e adjetiva.

3.3.1. Colocação Nominal

Este tipo de colocação é composto pela combinação entre dois nomes, ou seja, dois substantivos. Como exemplo, é possível citar a unidade *Estudos Literários*, cujo equivalente no corpus dos textos escritos originalmente em inglês é encontrado como *Studies of Literature*⁸.

Com esse exemplo, vale ressaltar que uma Colocação Nominal que possui a estrutura [Substantivo + Substantivo] no português pode ser encontrada na língua inglesa tanto com a configuração [Substantivo + Preposição + Substantivo] como é o caso de *Studies of Literature*, quanto na configuração [Substantivo + Substantivo] como em *Literature Studies*⁹ ou transformado em Colocação Adjetiva na forma de [Adjetivo + Substantivo], como no caso de *Literary Studies*¹⁰. O inverso também é válido, assim, é possível que ocorrências como

⁷ Exemplo retirado do periódico AL no Corpus do Português.

⁸ Ocorrência encontrada no periódico JML no Corpus do Inglês.

⁹ Exemplo retirado das revistas GR e ELBC no Corpus Traduzido.

¹⁰ Exemplo retirado das revistas DD, AL, TROT, AS, ILD, RM, GR, e FZ no Corpus Traduzido.

*footnotes*¹¹ [Substantivo + Substantivo] sejam encontradas no português como *nota de rodapé*¹² [Substantivo + Preposição + Substantivo].

3.3.2. Colocação Adjetiva

Já a Colocação Adjetiva é formada pela combinação entre um adjetivo e um substantivo. É possível observá-la nos exemplos *dossiês temáticos*¹³ e *teoria literária*¹⁴, na configuração [Substantivo + Adjetivo], em que os adjetivos *temáticos* e *literária* caracterizam o tipo de *dossiê* e de *teoria* a que as unidades lexicais se referem.

Em seus equivalentes em inglês as unidades permaneceram com o mesmo tipo de colocação, *dossiê temático* foi encontrado como *special issue*¹⁵, *specific issue*¹⁶ ou *general issue*¹⁷ e *teoria literária* como *literary theory*¹⁸. Esses exemplos nos permitem perceber um padrão diferente da língua portuguesa e da língua inglesa para esse tipo de colocação, enquanto no português é comum encontrar a ordem [Substantivo + Adjetivo] em inglês o padrão é inverso [Adjetivo + Substantivo].

3.4. Síntese do Capítulo

Neste capítulo, compreendemos pelos preceitos de Tagnin (2005) que o “jeito de dizer” de uma determinada língua, cultura e comunidade discursiva (Swales, 1990) é, na verdade, um conjunto de convenções linguísticas e sociais estabelecidas de comum acordo por uma comunidade linguística. Na combinabilidade vemos a associação de determinadas palavras específicas, e não quaisquer outras com significado semelhante, em uma determinada ordem, sendo ditas em uma determinada ocasião. Neste trabalho, nos deparamos com três tipos de padrões de convencionalidade: a coligação prepositiva, formada pela combinação entre preposição e sintagma nominal; a colocação nominal, composta pela combinação de dois substantivos, ainda que contenham uma preposição entre eles em alguns casos; e a colocação adjetiva, composta pela combinação entre um substantivo e um adjetivo. Dessa

¹¹ Exemplo retirado das revistas GR, FZ, ELBC, AL, TROT, ILD, RM, LS no Corpus Traduzido e de CL, JML, SK no Corpus do Inglês.

¹² Exemplo retirado das revistas AS, AL, FZ, GR e ILD no Corpus do Português.

¹³ Unidade terminológica encontrada nos periódicos GR, ILD, RM, TROT, no Corpus do Português.

¹⁴ Unidade terminológica encontrada nos periódicos AL, LS e RM no Corpus do Português.

¹⁵ Ocorrência encontrada na revista DD no Corpus Traduzido.

¹⁶ Ocorrência encontrada nas revistas GR e ILD no Corpus Traduzido.

¹⁷ Ocorrência encontrada na revista MFS no Corpus do Inglês.

¹⁸ Unidade encontrada na revista CLS no Corpus do Inglês.

forma, argumentamos que as convenções linguísticas presentes nos textos técnicos produzidos por determinada comunidade discursiva em determinados gêneros textuais também se encaixam nos parâmetros de condicionantes culturais vistos no capítulo anterior.

CAPÍTULO III - UNIDADES TERMINOLÓGICAS E UNIDADES FRASEOLÓGICAS: COMO IDENTIFICÁ-LAS E QUAL O SEU PAPEL NA TRADUÇÃO

Como vimos nos dois capítulos anteriores, a tradução de textos técnicos está sujeita a diversos fatores que compõem, e ao mesmo tempo transcendem, o conhecimento especializado. Um desses fatores, para além dos já citados, são as Unidades Terminológicas e as Unidades Fraseológicas Especializadas (Bevilacqua; Kilian, 2017; Bevilacqua, 2005; Krieger; Finatto, 2023). Diferentemente do que se pensa como senso comum, traduzir termos e expressões técnicas pode ser ainda mais complexo do que se imagina. Um texto técnico bem traduzido não necessariamente é sinônimo de uma tradução o mais próxima possível da forma do texto original. Além da precisão terminológica, uma tradução precisa soar natural ao grupo de especialistas da língua alvo. É fato que encontrar palavras que transmitam o conteúdo dos termos especializados seja um grande desafio para o tradutor, porém, esses termos não estão isolados do texto e do contexto de produção, e sim inseridos em expressões e sentenças. Assim, saber como esses termos são apresentados do ponto de vista discursivo pode ser tão importante quanto a busca pelo termo adequado. Em outras palavras, o processo tradutório precisa identificar o que se diz, mas também em que cultura se diz e como se diz. Dessa forma, um tradutor, de posse de seus conhecimentos linguísticos, textuais e culturais poderá, por exemplo, ser mais sensível à identificação de termos e fraseologias que em um primeiro olhar lhe pareçam palavras do uso comum da língua, mas que, naquele contexto específico de discurso, tornam-se elementos especializados.

Dito isso, discutiremos neste capítulo uma série de conceitos relevantes para os estudos da Terminologia e sua influência na tradução, apresentados pelas autoras Bevilacqua (2005), Bevilacqua e Kilian (2017) e Finatto e Krieger (2023). Igualmente, discutiremos conceitos de equivalência, que serão utilizados durante nossa análise qualitativa, de acordo com Barbosa (2004), Cunha Lacerda (2010), Arntz, Picht e Mayer (2002, *apud* Bevilacqua; Kilian, 2017) e Bevilacqua e Kilian (2017). Por último, refletiremos sobre a constituição de corpora (Sardinha, 2000) e seu uso no auxílio à tradução (Tagnin, 2005; Sardinha, 2000).

3.1. Terminologia como disciplina e campo do conhecimento: um breve panorama histórico

A prática terminológica pode ser entendida como uma atividade tão antiga quanto o conhecimento humano ou o surgimento da ciência. Pode-se dizer que o surgimento da terminologia de uma ciência está intimamente ligado ao surgimento do conhecimento da própria ciência, visto que:

Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos através de sua denominação. (...) O aparelhamento mental consiste, em primeiro lugar, de um inventário de termos que arrolam, configuram ou analisam a realidade. Denominar, isto é, criar um conceito é, ao mesmo tempo, a primeira e a última operação de uma ciência. (Benveniste, 1989, p.252, apud Krieger; Finatto, 2023)

No entanto, a percepção da existência de um vocabulário especializado inerente a determinada área do conhecimento começa no século XVII com os dicionários clássicos europeus, em que a Terminologia é apresentada como a denominação de conceitos científicos e artísticos (Krieger; Finatto, 2023). Em seguida, no século XVIII, os enciclopedistas discutiriam as propriedades e os problemas das línguas especializadas, que hoje denominamos terminologias. O mesmo século é marcado pelo surgimento de nomenclaturas técnico-científicas taxonômicas com forte influência de vocabulário latino e grego. Já no século XIX, o início do processo de internacionalização das ciências cria uma necessidade de “univocidade da comunicação científica internacional” (Krieger; Finatto, 2023, p. 25), o que leva a diferenciação entre léxico comum e léxico especializado. Neste ponto da história da prática terminológica, o léxico especializado assume uma posição aparte da língua e há uma preocupação latente em diferenciá-los o máximo possível através de afixos e radicais em latim e grego.

É apenas na segunda metade do século XX que a Terminologia vai ser proposta como disciplina independente e multidisciplinar por Eugen Wüster, na Universidade de Viena (Krieger; Finatto, 2023). O terminólogo procurava promover um intercâmbio terminológico do saber compartilhado entre a física, a engenharia elétrica e a economia, criando as bases do que ficaria conhecido como a Teoria Geral da Terminologia (TGT). Influenciado pelo avanço da ciência e da tecnologia, que a cada dia mais exigia novas denominações para novas descobertas e fomentava a internacionalização científica, tecnológica e cultural, Wüster e os demais estudiosos alinhados com a TGT assumiram uma perspectiva cognitiva-normativa do léxico especializado. A terminologia deveria ser utilizada e traduzida de maneira adequada e, portanto, o léxico especializado deveria ser padronizado “para favorecer a eficácia das comunicações científicas e técnicas no plano internacional” (Krieger; Finatto, 2023, p. 32). A

disciplina da Terminologia seria então uma orientadora metodológica para o tratamento dos termos como uma denominação padronizada de conceitos.

No entanto, essa percepção prescritivista da área foi perdendo lugar para uma visão descritivista ligada à Linguística, especialmente a Sociolinguística, a chamada Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). Percebeu-se que o léxico especializado não existia em um plano separado do léxico geral e, portanto, não poderia ignorar aspectos comunicativos. Assim, a partir de 1990, a Terminologia assumiu uma perspectiva linguístico-comunicacional voltada para o estudo do “comportamento dos léxicos terminológicos no âmbito das comunicações especializadas” (Krieger; Finatto, 2023, p. 34). Afinal, quando se trata de terminologias é preciso levar em conta possíveis questões como a polissemia, as divergências conceituais de uma língua/cultura para outra e a existência de variações terminológicas, levando em conta, assim, o funcionamento real da linguagem (Gaudin, 1993, *apud* Krieger; Finatto, 2023), visto que “tratar de terminologia técnico-científica é tratar de questões das línguas e não de um constructo formal idealizado a serviço de uma comunicação restrita ao âmbito de especialistas” (Krieger; Finatto, 2023, p. 34).

Neste contexto, a Terminologia passou a ser dividida em duas vertentes: uma teórica, responsável pelo desenvolvimento teórico da área, e outra prática, responsável pelas análises descritivas e as aplicações terminológicas. Esse nível prático evoluiu para uma Terminologia Aplicada (Krieger; Finatto, 2023), que foca no desenvolvimento de glossários, bancos de dados, dicionários, etc., atividade que foi exponencialmente ampliada com o desenvolvimento da informática e do ambiente eletrônico, em que se é possível armazenar e processar grandes quantidades de dados com auxílio de softwares, bem como difundir termos de forma ampla e rápida.

Desse modo, é levando em conta a perspectiva linguístico-comunicacional da Terminologia que estabelecemos as reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho.

3.2. Terminologia: conceitos relevantes

Quando consideramos a funcionalidade da tradução e as influências das características culturais e textuais – da comunidade discursiva de origem e da comunidade discursiva-alvo – no produto da tradução, áreas como a Terminologia tem importantes contribuições para o fazer tradutório, como na identificação de aspectos de convencionalidade e idiomatidade (Tagnin, 2005), presente nos textos na forma de termos e fraseologias. Temos então, o surgimento de dois dos objetos de estudo da Terminologia: o Termo e a Unidade Fraseológica.

3.2.1. Termo ou Unidade Terminológica (UT)

Os termos possuem duas funções em sua essência: representar e transmitir o conhecimento especializado (Krieger; Finatto, 2023), e são definidos como: “unidades de forma e conteúdo que, utilizados em determinadas condições discursivas, adquirem valor especializado” (Cabré, 2000, p. 10, *apud* Bevilacqua; Kilian, 2023, p. 1708).

Podem ser unidades puramente técnico-científicas, como *Asthma bronchiale* (o termo científico para asma), ou unidades do léxico geral, ou de outras áreas do conhecimento, que passam a representar e transmitir o conhecimento especializado de determinada área. Para essa segunda possibilidade, as autoras Bevilacqua e Kilian (2017) utilizam como exemplo as palavras *água*, *poluição atmosférica* e *crime ambiental*, que são considerados termos no âmbito do Direito Ambiental. Como demonstram os exemplos dados pelas autoras, nem sempre um termo é composto por uma única palavra, como o caso de *poluição atmosférica* e *crime ambiental*; nesse caso, seria mais adequado utilizar a denominação Unidade Terminológica, já que independente da quantidade de palavras estas formam um único conceito especializado. Sob essa viés, prosseguiremos ao longo de todo esse trabalho utilizando a expressão Unidade Terminológica (UT), para ambos os casos em que o termo contiver uma palavra ou mais de uma.

Ademais, vale ressaltar que o estatuto terminológico da unidade lexical está condicionado à ótica da área do conhecimento específica em que o discurso é produzido ou traduzido, posto que seu valor cognitivo pode variar dependendo do cenário comunicativo em que está inserido, juntamente com outros fatores que condicionam as comunicações especializadas (Krieger; Finatto, 2023). Essa mesma dinamicidade de estatuto vale para as Unidades Fraseológicas.

3.2.2. Unidade Fraseológica (UF)

Enquanto os termos são a materialização linguística do conceito especializado, as fraseologias caracterizam “um modo de dizer típico e frequente da comunicação profissional” (Krieger; Finatto, 2023, p. 14) de determinada comunidade discursiva. Entretanto, o conceito do que comporia esse “modo de dizer”, formando uma Unidade Fraseológica (UF), ainda é vago e pode apresentar alterações de acordo com a referência, por isso, utilizamos como referência a definição de Bevilacqua (2005) para Unidades Fraseológicas Especializadas:

São unidades formadas por um núcleo eventivo, considerado como tal por ser de base verbal ou derivada de verbo (nominalização ou particípio), e por um núcleo terminológico (termo). Entre estes dois núcleos se estabelecem relações sintáticas, mas principalmente semânticas, determinadas pelas propriedades do texto em que são utilizadas. Portanto, são unidades que se conformam no e pelo texto em que são utilizadas. Cumprem, tal como os termos, a função de representar e transmitir conhecimento especializado. (Bevilacqua, p. 82-83, 2005)

Em seu texto, a autora dá alguns exemplos concretos desse tipo de unidade, novamente na área ambiental, sendo eles: *captar radiação*, *captação de radiação*, *absorver energia* e *absorção de energia*. Veja que os exemplos apresentam o núcleo eventivo tanto diretamente na forma verbal quanto na forma nominalizada. Assim, as palavras *captar*, *captação*, *absorver* e *absorção* são os núcleos eventivos, já *radiação* e *energia* são os núcleos terminológicos.

Essa definição de uma UF que apresentasse uma ação e tivesse dois núcleos, um verbal e um terminológico, foi o nosso critério de identificação das UFs presentes nos corpora. É importante lembrar que a presença de um termo como núcleo da UF foi o que gerou um dos questionamentos que pretendemos analisar neste trabalho: os termos mais frequentes selecionados para análise são, de fato, núcleo de uma Unidade Fraseológica? Assim, demonstramos também a aplicabilidade da definição de Bevilacqua para o estudo das fraseologias.

Isto exposto, dois pontos valem ser ressaltados: o primeiro é que existem dois tipos de Unidades Fraseológicas que diferem entre si, as fraseologias da língua geral e as fraseologias especializadas, que integram, respectivamente, situações de comunicação humana no plano da interlocução de temáticas gerais e situações de comunicação humana no plano das temáticas especializadas (Krieger; Finatto 2023). Por se tratar de uma pesquisa sobre tradução técnica, o que nos interessa são as Unidades Fraseológicas Especializadas, por isso, e por não tratarmos de qualquer outro tipo de fraseologia, estamos chamando-as apenas de Unidades Fraseológicas. O segundo é que a fraseologia tradicionalmente não compõe uma disciplina independente, tendo sido incorporada como um dos objetos de estudo da área de conhecimento da Terminologia. No entanto, este trabalho por vezes usa os dois termos, Terminologia e Fraseologia, para que a diferenciação entre os dois objetos fique clara e didática, mas ao utilizar o nome geral da área, Terminologia, pretende evocar a área de estudo no geral cujos dois tipo de unidades se encontram.

Neste cenário, as UFs representam e transmitem o conhecimento especializado tanto quanto o termo. Sob essa ótica, “ao constituir a expressão lexical dos saberes científicos,

técnicos e tecnológicos, a terminologia é um elemento inerente às chamadas comunicações especializadas, as quais são tradicionalmente associadas à redação (...) de textos especializados em geral” (Krieger; Finatto, 2023, p. 16). Portanto, nem as UTs, nem muito menos as UFs, devem ser consideradas fora de um cenário textual.

3.3. A Terminologia e o Texto

Como vimos acima, as relações semânticas entre as UFs e seus núcleos terminológicos, bem como o próprio estatuto terminológico das unidades, são condicionados pelas propriedades do texto em que estão inseridos. É no texto que termos e fraseologias têm seu alto grau de especificidade ativado, e onde são estabelecidas sua situação comunicativa, sua área de conhecimento e sua comunidade discursiva. Sob esse viés, desde o surgimento da Teoria Comunicativa da Terminologia no fim do século XX, o estudo de terminologias passa a estabelecer uma relação imprescindível com o texto:

Outro princípio fundamental da TCT é que os textos são o hábitat dos termos, isso significa que é a partir dos textos que os termos são identificados. Para poder identificá-los é fundamental descrever as características comunicativas dos textos (emissor, receptor, nível de especialização, temática etc.), pois são elas que ativam seu valor especializado. Assim, é fundamental, no processo de reconhecimento dos termos, identificar as características dos gêneros textuais a partir dos quais são coletados os termos. (Bevilacqua; Kilian, p. 1709, 2017)

Dessa forma, Bevilacqua e Kilian nos levam de volta aos preceitos de um gênero textual estabelecido por uma comunidade discursiva (Swales, 1990), que, por sua vez, está exposta a inúmeros condicionantes culturais (Azenha, 1999).

Sob essa perspectiva, e considerando o grau de especificidade dos termos a ser definido nos textos, é necessário estabelecer uma relação de sentido com o gênero textual que alimenta os corpora compilados para o presente estudo. Sua temática é comunicar um conjunto de diretrizes editoriais e diretrizes para autores, estabelecidas pela Equipe Editorial de periódico (emissor), a fim de alcançar e instruir pesquisadores da área dos Estudos Literários que tenham interesse em publicar seus trabalhos na revista. Desse modo, entendemos que o texto possui um nível de especialização elevado, com um conjunto variado de termos que remetem ao universo de produção, publicação e divulgação de artigos científicos, resenhas, entrevistas e traduções.

3.4. Contribuições da Terminologia para a Tradução

Já estabelecemos que as Unidades Terminológicas especializadas são elementos chave na construção de textos técnicos, e as Unidades Fraseológicas elementos essenciais para a naturalidade do texto na língua/comunidade-alvo. É a partir desses elementos que se constrói o texto técnico e, portanto, deve ser a partir deles que o tradutor estabelece o projeto tradutório que gerará o produto da tradução técnica.

Como vimos, o mundo globalizado tem intenso interesse em trocas comerciais, culturais, científicas e tecnológicas em âmbito mundial. Desse interesse surge uma alta demanda pela comunicação científica, pela tradução técnica dos textos especializados que essa comunicação produz, textos esses que são o habitat das terminologias. Dessa forma, “o reconhecimento da funcionalidade, simultaneamente, cognitiva e comunicativa operada pelas terminologias explica a preocupação dos tradutores dos textos especializados com esse componente lexical” (Krieger; Finatto, 2023, p. 66-67). Assim:

Do mesmo modo, ao produzir ou traduzir um texto especializado é necessário conhecer as combinatórias específicas de determinada área do conhecimento, portanto, conhecer estas unidades também é índice de competência linguística do tradutor ou do falante que produz o texto especializado. (Bevilacqua, p. 76, 2005)

Desta forma, cresce a importância da inserção do estudo da Terminologia na formação do tradutor, que precisa ter em sua competência tradutória a capacidade de reconhecer as terminologias e fraseologias técnico-científicas como parte de uma forma de expressão própria da comunicação, pois é importante garantir a eficácia da comunicação entre especialistas, além da divulgação e da representação do conhecimento.

3.4. A Linguística de Corpus no estudo da Terminologia e na prática tradutória

A globalização e a modernização não afetaram apenas a pesquisa e as formas de divulgação do conhecimento científico, também forneceram novas ferramentas de auxílio aos Estudos da Tradução, aos Estudos da Terminologia, e novas visões de pesquisa para as duas áreas. Neste sentido, o desenvolvimento da Linguística de Corpus representa um grande avanço na empreitada dos registros linguísticos, permitindo que a língua em uso seja registrada, armazenada e consultada em meios eletrônicos através de uma metodologia científica sistematizada baseada em corpus.

Primeiro precisamos compreender que quando nos referimos a corpus, estamos nos referindo a um conjunto de textos “autênticos”, ou seja, que realmente foram produzidos por humanos e não criados para compor o corpus (Sardinha, 2000), e que estejam “necessariamente em formato eletrônico,” tendo sido “compilados e organizados segundo critérios ditados pelo objetivo de pesquisa a que se destina” (Tagnin, 2005, p. 21). A escolha criteriosa dos textos que formam um corpus por meio de um conjunto de regras pré-estabelecidas pelos seus criados não só permite que ele seja representativo dessas características, mas precisa que ele seja o mais representativo possível (Sardinha, 2000).

Sob esse viés, o formato eletrônico dos corpora “permite que esses textos sejam investigados e analisados automaticamente, com o uso de ferramentas computacionais específicas” (Tagnin, 2005, p. 21). Algumas dessas ferramentas estão disponíveis no mercado na forma de softwares gratuitos como o programa AntConc¹⁹, lançado por Laurence Anthony, em 2014. O AntConc é um software concordanciador, ou seja, ele compila e lista todas as ocorrências de uma palavra dentro do arquivo carregado nele. Foi pensando nesta utilidade e na praticidade do programa que utilizamos a ferramenta *WordList*, uma funcionalidade de listagem de palavras dentro do AntConc, para compilar uma lista das 100 UTs mais frequentes no Corpus do Português, utilizada como base para as nossas análises.

Em uma perspectiva funcional da tradução (Nord, 1997), uma abordagem descritivista associada à língua em uso, encontra na pesquisa em corpora respaldo para fazer escolhas tradutórias mais pertinentes à comunidade-alvo, permitindo ao tradutor enxergar, por exemplo, as Unidades Terminológicas aplicadas a contextos reais de comunicação. Segundo Tagnin (2002, *apud* Rinco, 2022), mesmo quando um tradutor é falante nativo do idioma, se não possui a sensibilidade de buscar soluções de uso corrente para suas escolhas tradutórias, está sujeito a falhas de produção textual, “escolhendo formas gramaticalmente possíveis em detrimento de formas mais prováveis de ocorrer, resultando em traduções literais e nada naturais” (Rinco, 2022). Isto posto, seria ingênuo da parte do tradutor acreditar que dicionários bastam como única fonte de pesquisa, pois carecem de “recursos lexicográficos fraseológicos.” (Tagnin, 2002, p. 196, *apud*, Rinco, 2022, p. 65). É oferecendo esses recursos fraseológicos que a pesquisa em corpora pode contribuir ainda mais para a prática tradutória.

Percebe-se, então, a importância de uma aliança entre a prática tradutória, os estudos terminológicos e a investigação de corpora.

¹⁹ Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/> - Acesso em 04 ago. 2025.

Uma consequência da difusão do uso de corpora na prática tradutória é a revisão de conceitos como a equivalência.

3.5. A noção de equivalência em tradução: breve revisão

Ao longo da história dos Estudos da Tradução, a noção de equivalência na tradução têm sido uma questão que divide opiniões. A noção clássica da equivalência como transferência palavra-por-palavra (Barbosa, 2004) não dá conta da atividade tradutória, posto que

“Os conceitos e suas denominações não estão em simetria nas diferentes línguas e culturas, eles são influenciados por diversos fatores de uma comunidade linguística. Assim, os conceitos de uma área de especialidade são organizados de acordo com o modo de ver de cada comunidade científica, o que pode levar a distintos graus de semelhança ou distanciamento em relação aos conceitos.” (Bevilacqua; Kilian, p. 1713, 2017)

A abordagem de Bevilacqua e Kilian (2017) sobre a impossibilidade de uma equivalência de conceitos estrita na tradução complementa a visão funcional do texto técnico que defendemos até agora, de que uma determinada comunidade discursiva (Swales, 1990), cercada por fatores histórico-culturais (Azenha, 1999), se une sob objetivos comuns e dessa união se estabelece o comportamento do gênero textual. Se dessa união surgem convenções linguísticas (Tagnin, 2005), dela também pode surgir toda uma nova organização dos conceitos da área de especialidade de seus membros (Bevilacqua; Kilian, 2017), o que pode causar uma semelhança de termos ou um distanciamento de termos entre diferentes línguas e culturas.

Segundo Cunha Lacerda (2010), o texto traduzido, e os condicionantes que cercam o tradutor e o próprio processo tradutório, passam a ser importantes coeficientes da discussão. Para a autora, cada realidade sócio-histórico-cultural de uma comunidade é refletida pela variante linguística utilizada. “Desse modo, por mais que o tradutor busque equivalências entre a língua de partida e a língua de chegada, nunca haverá uma representação efetiva e total da(s) variedade(s) linguística(s) que caracteriza(m) o texto original” (Cunha Lacerda, 2010, p. 140). Podem haver correspondências entre variantes distintas, “mas nunca o estabelecimento estrito de equivalências” (Cunha Lacerda, 2010, p. 140).

Tendo essa noção da palavra equivalência em mente, e sabendo que argumentamos o uso da palavra “equivalência” neste trabalho como significante de algum grau de

correspondência entre línguas, Bevilacqua e Kilian (2017) recuperam quatro níveis definidos por Arntz, Picht e Mayer (2002) em que as Unidades Terminológicas podem apresentar equivalência: equivalência total, equivalência parcial, inclusão e não equivalência.

Na equivalência total, o termo da língua de chegada abarca todo o conceito especializado transmitido pela Unidade Terminológica no texto de partida, em forma e conteúdo, como por exemplo a tradução de *processo de submissão* para *submission process*. Na equivalência parcial, apenas parte do conceito é abarcado pelo novo termo, como a tradução de *lauda* (CP) para *page* (CT/CI). Segundo o dicionário Houaiss²⁰, *lauda* é cada uma das faces do papel escritas, cujo texto é destinado a publicação; uma página, por outro lado, não tem um significado intrínseco de publicação, assim, a palavra é suficiente para a transmissão do conceito, mas não o abarca na sua totalidade. Já a não equivalência é quando não há qualquer tipo de correspondência para o termo original na língua alvo; podemos usar como exemplo a UT do nosso CP, *itálico*, que não encontrou qualquer correspondente ou variante no Corpus do Inglês. Por fim, a inclusão é quando o termo da língua de partida origina um termo mais explicativo na língua de chegada, como a tradução de *avaliação às cegas* para *double-blind peer review process*. A inclusão ainda pode levar à formação de mais de uma UT no texto de chegada, de modo que será preciso utilizar mais de um termo se for necessário transferir todo o conceito original, como por exemplo a UT *fonte* no CP, característica de documentos digitados, que, ao ser traduzido para o inglês possui duas alternativas de acordo com a característica da fonte que quer evidenciar, *typeface* quando essa característica é o tipo da fonte e *typed* ao se referir ao tamanho da fonte.

3.6. Síntese do capítulo

Neste terceiro capítulo, traçamos um breve panorama histórico da Terminologia, da padronização do léxico especializado como um conhecimento que deveria ser tratado a parte de um léxico comum, oriunda da Teoria Geral da Terminologia, até os princípios sociolinguísticos que deram luz à Teoria Comunicativa da Terminologia, visão terminológica abordada neste trabalho. A TCT estabeleceu que o léxico especializado não existe em um plano separado do léxico comum e que, para sua verdadeira compreensão, é preciso assumir uma postura linguístico-comunicativa que leve em conta aspectos comunicativos, como a existência de variações terminológicas em uma mesma língua. Sabemos, assim, que a

²⁰ https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/861/lauda - Acesso em 04 ago. 2025.

intercomunicação científica perfeita não existe, e sim pode ser recheada de ruídos, polissemias e desencontros conceituais.

Como fruto dos estudos terminológicos surgem dois objetos de estudo: a Unidade Terminológica (UT) e a Unidade Fraseológica (UF). As UTs são unidades de forma e conteúdo que, em determinadas condições comunicativas, transmitem conhecimento especializado, já as UFs são unidades binucleares, com um núcleo terminológico e um núcleo eventivo de base verbal que também transmitem conhecimento especializado, de acordo com as relações semânticas que estabelecem no texto. No caso da tradução técnica, argumentamos que os termos representam o conhecimento especializado dos textos técnicos, enquanto as fraseologias representam o “jeito de dizer” (Tagnin (2005) da comunidade discursiva (Swales, 1990) em questão.

Neste contexto, uma abordagem descritivista da tradução, associada à língua em uso, encontra na pesquisa em corpora respaldo para fazer escolhas tradutórias mais pertinentes à comunidade-alvo, permitindo ao tradutor enxergar termos em condições reais de uso em situações comunicativas. Eletrônico, compilado e organizado criteriosamente, o corpus serve aos objetivos definidos pelo estudo linguístico, podendo ser investigados por meio de softwares como o programa AntConc.

Por fim, a pesquisa baseada em corpora auxilia uma revisão de conceitos como a equivalência. Estabelecemos neste trabalho uma visão funcional do termo, que acredita que conceitos especializados podem mudar de acordo com a língua e a comunidade científica e, por isso, um estudo baseado em corpus como evidência empírica de uso auxiliaria na escolha tradutória. Assim, argumentamos que não é possível realizar equivalências estritas, mas correspondências, que podem ser classificadas em 4 graus: equivalência total, equivalência parcial, inclusão e não equivalência.

CAPÍTULO IV - METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, pretendemos elucidar a metodologia utilizada para o estudo e apresentar seus objetivos, as hipóteses levantadas e a análise do objeto. Dessa forma, explicitaremos os passos seguidos para a montagem dos três corpora (Sardinha, 2000; Tagnin, 2005) que serviram de aporte para a identificação do uso real das unidades lexicais em estudo. Em seguida, para a análise, tomamos como base a noção apresentada anteriormente neste trabalho de que a linguagem técnica não se trata de uma linguagem hermética, à parte do mundo, mas produzida por indivíduos em um determinada língua, cultura e comunidade discursiva. Sob esse viés, serão identificadas UFs e UTs características de textos de websites de periódicos científicos da área de literatura em língua portuguesa (Corpus do Português) e em língua inglesa (Corpus Traduzido e Corpus do Inglês) a fim de encontrar padrões de uso e de convencionalidade (Tagnin, 2005). Interessa-nos, ainda, observar se as traduções dessas unidades podem ser inseridas, ou não, nas noções de equivalência total, parcial, não equivalência ou de inclusão (Arntz; Picht; Mayer, 2002, *apud* Bevilacqua; Kilian, 2017). Por fim, faremos uma síntese dos resultados através da proposta de um glossário de UTs.

4.1.1. Objetivos

O presente estudo tem como objetivos: 1) identificar as Unidades Terminológicas e Fraseológicas características dos websites de periódicos científicos da área dos Estudos Literários, bem como as suas variações, nos textos em português, traduzido e em inglês, a fim de encontrar padrões de uso e de convencionalidade (Tagnin, 2005); 2) classificar suas traduções de acordo com os conceitos de equivalência total, equivalência parcial, não equivalência e inclusão segundo Arntz, Picht e Mayer (2002, *apud* Bevilacqua; Kilian, 2017); e 3) identificar se as UTs encontradas fazem parte de uma UF, tendo como base a definição de Bevilacqua (2005) de que uma UF precisa ter como núcleo um termo ou uma UT.

4.1.2. Hipóteses

Neste contexto, propomos as seguintes hipóteses iniciais: 1) as versões monolíngues são mais idiomáticas, mais circunscritas às suas respectivas línguas do que a versão traduzida; isso nos leva a 2) imaginar que as traduções estão restringidas a um mesmo centro

gravitacional (Baker, 2004), possivelmente mais relacionadas às construções da sintaxe da língua portuguesa.

Também pretende-se responder às seguintes questões: a) as unidades encontradas em português correspondem total ou parcialmente as do inglês? b) o que condiciona as diferenças, se houver? e c) as Unidades Terminológicas são o núcleo de uma Unidade Fraseológica?

4.2. Seleção e coleta de dados: a montagem dos corpora

Como vimos no capítulo anterior, os corpora são compostos por textos autênticos, disponíveis em formato eletrônico, que foram compilados e organizados de maneira criteriosa e de modo que cumpram o propósito do estudo linguístico.

Como o propósito deste estudo linguístico é identificar e compreender o comportamento das Unidades Terminológicas e Fraseológicas de periódicos científicos da área dos Estudos Literários de forma a auxiliar a tradução dos textos do site da Revista *Ipotesi*²¹ do Português para o Inglês, delimitamos a necessidade de analisar esse comportamento em três ambientes distintos: na língua portuguesa, em textos traduzidos para o inglês e na língua inglesa. Isso demandou a formação de três corpora: um Corpus do Português (CP), um Corpus Traduzido (CT) e um Corpus do Inglês (CI).

Para coletar os textos que formariam os corpora, estabelecemos como critério sites de periódicos científicos da área dos Estudos Literários que estivessem associados a uma universidade e fossem, em algum grau (parcial ou totalmente) divulgadores de artigos científicos da área, especificamente aqueles periódicos que praticam a avaliação às cegas por pares para a seleção dos textos a serem publicados. Ao todo, selecionamos 20 revistas científicas, 10 revistas brasileiras, cujos textos em português comporiam o CP e os textos em inglês comporiam o CT, e 10 revistas estadunidenses, cujos textos comporiam o CI. Na seleção de revistas brasileiras, a fim de selecionar aquelas consideradas de melhor qualidade e organização, elas precisavam ser avaliadas pela plataforma Sucupira²² da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com no mínimo conceito A (seja A1, A2, A3, A4), dando prioridade às revistas com as quais eu, como pesquisadora, tive contato durante a experiência de Assistência Editorial na *Ipotesi*. Por outro lado, as revistas

²¹Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/index> Acesso em 05 maio 2025.

²²Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeraIPeriodicos.jsf> - Acesso em 04 ago. 2025.

estadunidenses foram selecionadas através de uma busca online e da verificação manual, uma a uma, se elas atendiam aos critérios estabelecidos.

Neste contexto foram selecionados os seguintes periódicos:

Quadro 1 - Lista de periódicos para coleta de dados.

Periódicos Brasileiros	Periódicos Estadunidenses
Ilha do Desterro	Modern Fiction Studies
Terra Roxa e Outras Terras	Studies in the Novel
Gragoatá	The Georgia Review
Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea	Contemporary Literature
Literatura e Sociedade	Comparative Literature Studies
Acta Scientiarum	New Literary History
Diadorim	American Literature
Remate de Males	Journal of Modern Literature
FronteiraZ	Legacy: a Journal of American Women Writers
Anuário de Literatura	Symploke

Fonte: elaboração própria.

Destes periódicos, os textos referentes a duas das abas do site, *Sobre a Revista e Submissões*, foram coletados, nas versões original em português, na versão do inglês traduzido pelas próprias revistas brasileiras, e a versão escrita originalmente em inglês nas revistas estadunidenses. Em seguida, foram separados em três arquivos doc. distintos, um para cada corpus, nos quais houve uma priorização de informações, ou seja, toda informação considerada irrelevante para o estudo – como listas de ex-membros da Equipe Editorial e exemplos de referências e citações e listas de indexadores – foi filtrada e apagada do corpus para que permanecessem apenas as informações pertencentes às subseções pertinentes a esse estudo (foco e escopo; missão; histórico; processo de avaliação pelos pares; periodicidade; política de acesso livre; declaração de direitos autorais; condições para submissão e diretrizes para autores).

Entretanto, é preciso frisar que, mesmo cientes que os textos dos corpora a serem comparados precisam ser do mesmo tamanho, ou seja, ter o mesmo número de palavras (Vital, 2006, *apud* Luciane Rinco, 2022), a diferença de tamanho de um corpus para o outro na nossa pesquisa não influenciou as análises, visto que pretendemos apenas identificar a

existência de correspondências tradutórias entre as Unidades Terminológicas dos três corpora e identificar a existência de Unidades Fraseológicas.

Neste contexto, o Corpus do Português possui 21.506 palavras, ao passo que o Corpus Traduzido possui 23.380 palavras e o Corpus do Inglês possui 6.546 palavras. Essa diferença bem significativa entre o número de palavras do CI em comparação ao CP e ao CT se deve a característica mais enxuta dos textos dos sites dos periódicos estadunidenses. Enquanto os periódicos brasileiros precisam fornecer explicitamente informações como método de avaliação, política de privacidade e declaração de direitos autorais por delimitação da CAPES, as revistas americanas não apresentavam essas informações de forma obrigatória. Além disso, os periódicos brasileiros apresentam um comportamento unânime de fornecer diretrizes de produção e formatação dos artigos de acordo com as normas da ABNT de forma detalhada, ao passo que os periódicos dos EUA apenas sinalizaram um link para o manual de estilo exigido por cada um.

4.2.1. Seleção de termos e fraseologias

Tendo os corpora definidos e coletados, as UTs e as UFs foram coletadas conforme os princípios indicados por Krieger e Finatto (2023) e Bevilacqua e Kilian (2017), indicados no terceiro capítulo de fundamentação teórica. Ou seja, uma Unidade Terminológica seria composta por uma ou mais palavras (delimitamos um limite de 3) que, juntas, constituiriam uma unidade de forma transmissora de um conceito que, no contexto discursivo dos websites de periódicos científicos de literatura, se tornava um conhecimento especializado cuja consciência era necessária para o entendimento do todo. Por outro lado, as UFs seriam expressões que demonstravam o “jeito de dizer” empregado neste gênero textual e que transmitiam, obrigatoriamente, uma ação – como ainda não conhecíamos todos as UTs presentes nos corpora, focamos em encontrar *núcleos eventivos*, formados por verbos ou por nomes derivados de um verbo.

Dessa forma, estabelecemos um esquema de cores que proporcionasse uma delimitação didática e visível das unidades a partir das cores vermelho, azul, amarelo e roxo, cada uma representando um aspecto cujo comportamento nos textos gostaríamos de observar no início de nosso estudo. Em vermelho estariam destacadas o que se acreditava ser UTs; em azul, as UFs; e em amarelo, os segmentos que causaram dúvida durante a seleção, para serem discutidos posteriormente. Uma das cores, porém, foi utilizada apenas no Corpus do

Português: o roxo, para expressões que já estivessem em língua inglesa ou outra língua estrangeira.

Um exemplo de como o esquema de cores foi aplicado pode ser visto no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 - Exemplos de seleção de unidades por esquemática de cores.

Revista	Aba do Site	Corpus	Excerto
Studies in the Novel	Author Guidelines	Inglês	“Please submit articles as MS Word files and eliminate any personal identifying information; we follow a double-blind peer review process. Manuscripts should be approximately 6,000 to 9,000 words in length, inclusive of endnotes and Works Cited, and have 1” margins and double-spacing throughout. Although published articles will need to conform to the 7th edition of the MLA Style Manual, initial submissions are welcome in other style formats. Illustrations may accompany articles; high-resolution digital files (JPEGs preferred) must be provided upon article acceptance. All copyright permissions must be obtained by the author prior to publication.”
Acta Scientiarum	Sobre a Revista	Traduzido	“For authors: As a reference journal in its area, Acta Scientiarum. Human and Social Sciences requires the minimum degree of doctorate for authors interested in submitting articles. In the case of collective authorship, at least one of the authors must have such title.”
FronteiraZ	Submissões	Português	“Espaçamentos: 1,5 entre linhas e parágrafos; deixar uma linha em branco (1,5) depois do título de cada seção do artigo. Deixar uma linha (1,5) entre ABSTRACT/KEYWORDS e o início do texto.”

Fonte: elaboração própria.

No Quadro 2, cada exemplo foi retirado de um dos três corpora, de revistas e abas do site distintas. Como pode-se observar, Unidades Terminológicas dos dois tipos, simples (um único termo) e complexas (mais de um termo), como *author*, *works cited*, *article*, *double blind peer review process*, *artigo*, *espaçamento*, *margins*, etc., foram destacados em vermelho. As palavras em inglês *Abstract* e *Keywords* foram demarcadas de roxo. Em amarelo, foram destacadas as palavras que, em um primeiro momento, houve dúvida de que forma classificá-las, ou até mesmo se deveriam ser classificadas, como as tipologias de arquivo *MS Word file* e *JPEG* e configurações de formatação de arquivo como *double-spacing*.

Em seguida, para delimitar uma amostra da seleção de UTs para análise, utilizamos a ferramenta *Wordlist* do software *Antconc* para selecionar as 100 Unidades Terminológicas mais frequentes no Corpus do Português (Figura 1).

Figura 1 - Print do software *Antconc* na ferramenta *Wordlist*.

The screenshot shows the AntConc 3.5.9 (Windows) 2020 interface. The main window displays a word list for the 'Corpus do Português'. The list is sorted by frequency, with the top 27 words shown. The words are: autores (184), revista (179), ser (173), não (160), artigos (147), por (146), publicação (143), artigo (129), na (127), texto (124), se (116), devem (115), and autor (105). The interface also shows search options and a 'Clone Results' button.

Rank	Freq	Word
15	184	autores
16	179	revista
17	173	ser
18	160	não
19	147	artigos
20	146	por
21	143	publicação
22	129	artigo
23	127	na
24	124	texto
25	116	se
26	115	devem
27	105	autor

Fonte: AntConc (2025).

É preciso frisar que não foram selecionadas simplesmente as primeiras 100 palavras mais frequentes, mas os 100 *termos* ou *Unidades Terminológicas* mais frequentes, que já tinham sido identificados anteriormente de forma manual pelo esquema de cores. Tanto que o primeiro termo (*autores*) só aparece na lista feita pelo software na 15ª posição, como é possível visualizar na Figura 1 acima – um print do programa *AntConc* – seguido por *revista* (16ª), *artigos* (19ª posição), *publicação* (21ª) e *artigo* (22ª). No entanto, para montar a nossa lista, consideramos variações de número, como em *artigo* e *artigos*, e variações de forma, como em *acesso livre* e *acesso público*, uma única UT, pois designam o mesmo conceito. Para as variações de plural, demos preferência a variação no singular (*artigo*), para as variações de forma selecionamos aquela que era mais frequente (*acesso livre*).

A ideia de selecionar os 100 termos mais frequentes no Corpus do Português foi fazer um levantamento dos termos que poderiam ser um desafio para o possível tradutor de sites de periódicos científicos brasileiros de literatura para o inglês, já que a importância da tradução desses periódicos foi justamente a motivação para a realização desta pesquisa. Desta forma, procuramos os correspondentes destes termos nos Corpora Traduzido e do Inglês, a fim de observar como eles se comportavam – ou mesmo se chegavam a se apresentar – no texto escrito por pesquisadores nativos do inglês, e fazer uma comparação com sua tradução português-inglês realizada pelos periódicos brasileiros. Ou seja, retomamos uma das questões

iniciais do trabalho: as UTs encontradas em português correspondem em algum grau as UTs encontradas no inglês? Se sim, o que condiciona as diferenças, se houver?

Neste contexto, tendo estabelecidos os termos mais frequentes, analisamos os padrões de convencionalidade que os constituíam, conforme o estabelecido no segundo capítulo teórico-metodológico por Tagnin (2005), a fim de observar os padrões convencionais que formam o gênero textual dos sites de periódicos científicos que guiaram nossa análise. Sob essa perspectiva, realizamos primeiro uma análise quantitativa, que identificou a porcentagem de ocorrência das categorias de combinabilidade (coligações e colocações) entre as UTs encontradas. Além disso, pela observação das UTs coletadas, criamos duas novas categorias para análise: a categoria Substantivos, para UTs simples formadas por apenas um item lexical (o substantivo); e a categoria Sem Correspondência, para as UTs cujos equivalentes não foram encontrados no Corpus Traduzido e/ou no Corpus do Inglês. Depois, realizamos uma análise qualitativa de duas UTs dentro de cada uma das categorias, com exceção da categoria de Coligação Prepositiva que só apresentou uma ocorrência, conforme apresentamos a seguir.

4.3. Análise Quantitativa dos Dados

No total, foram encontradas 266 Unidades Terminológicas: 100 unidades no Corpus do Português (CP); 100 no Corpus Traduzido (CT) e 66 no Corpus do Inglês (CI). Assim, não foi possível encontrar, nos textos do CI, os correspondentes para 34 das UTs encontradas no CP.

Sob esse viés, a Tabela 1 apresenta uma visão geral da classificação das UTs encontradas de acordo com as categorias convencionais de Tagnin (2005), bem como sua respectiva porcentagem de ocorrência em relação ao número total de unidades em cada corpus. Vale lembrar que as categorias definidas para classificação neste trabalho foram: coligação regencial; coligação prepositiva; colocação adjetiva; colocação nominal; colocação verbal e colocação adverbial, definidas pela autora, e substantivo e sem correspondência, definidas para esta pesquisa. Entretanto, não foi detectada a presença de coligações regenciais, colocações verbais e colocações adverbiais, motivo pelo qual essas categorias não aparecem na tabela e não serão apresentadas nas análises. Uma classificação detalhada de cada uma das UTs encontradas nos três corpora pode ser vista no Anexo 1, no fim deste trabalho.

Tabela 1 - Panorama geral da classificação das UTs coletadas.

CORPUS	COLIGAÇÃO PREPOSITIVA	COLOCAÇÃO ADJETIVA	COLOCAÇÃO NOMINAL	SUBSTANTIVO	SEM CORRESPONDÊNCIA	TOTAL
Corpus do Português	1	24	22	53	–	100
Corpus Traduzido	1	20	25	54	–	100
Corpus do Inglês	1	10	16	39	34	100

Fonte: elaboração própria.

Conforme pode-se observar da Tabela 1 acima, no Corpus do Português (CP), o termo unitário, no caso o substantivo, foi o mais frequente, com 53 ocorrências e uma frequência de 53%, como por exemplo os termos *tabela*, *gráfico* e *pesquisador*. Por outro lado, as colocações adjetivas e nominais ocorreram 24 e 22 vezes, respectivamente, representando uma frequência de 24% e 22% do total de 100 UTs em língua portuguesa, como nos exemplos *folha de rosto* (c. adj.) e *conhecimento científico* (c. nom.). Já a coligação prepositiva aparece apenas 1 vez no CP, representando apenas 1% das unidades do corpus, no exemplo *Sobre a Revista*.

No Corpus Traduzido (CT), a coligação prepositiva ocorre também uma única vez, fruto da tradução da unidade prepositiva do CP (a UT *Sobre a revista* se tornou *About the journal*), representando uma frequência de 1% das UTs traduzidas. Os substantivos continuam bem frequentes na classificação, representando 54% dos dados, com cerca de 54 ocorrências, como os exemplos *data* e *references*. As colocações, entretanto, demonstraram uma dinâmica distinta do CP, as colocações adjetivas apareceram 20 vezes e as colocações nominais, 25, com percentuais de frequência de 20% e 25%, respectivamente, evidenciando uma possível reconfiguração estilística decorrente do processo de tradução com o aumento da frequência de colocações nominais e a diminuição das colocações adjetivas, como nos exemplos *original work* (c. adj.) e *text body* (c. nom.).

No Corpus do Inglês (CI), encontramos 1 colocação prepositiva, representando 1% das unidades encontradas, o exemplo *About the journal*, correspondente à mesma aba do site representada pelas colocações prepositivas nos outros corpora. Também encontramos 10 colocações adjetivas e 16 colocações nominais, representando respectivamente 10% e 16% das 100 Unidades Terminológicas encontradas, como os exemplos *editorial board* (c. adj.) e *author identification* (c. nom.). Enquanto isso, os substantivos representaram 39% das UTs do corpus em questão, com 39 ocorrências, como os exemplos *site*, *license* e *margin*. No entanto, 34 UTs do CP não tiveram correspondência no CI, representando 34% do corpus, como os

termos *negrito* e *tabela*. Como dito anteriormente sobre o número de palavras em cada corpus, acreditamos que essa alta porcentagem de não correspondência de termos se deva ao comportamento das próprias revistas estadunidenses, que apresentam textos concisos e diretos, sem uma descrição detalhada de formatação de arquivos e práticas editoriais. Isso explicaria o fato de UTs como *negrito*, uma característica de formatação de texto, não terem sido encontradas no CI.

Desse modo, a distribuição de padrões de convencionalidade no CP sugere uma predileção dos textos em português por estruturas unitárias simples (substantivos) em detrimento de outras formas sintáticas, sendo a presença de nomes mais significativa que a de combinações com adjetivos, nomes e preposições. Por outro lado, apesar de as construções adjetivas se adequarem melhor ao idioma-alvo, uma vez que o inglês é uma língua que tende a utilizar com frequência estruturas nominais precedidas por modificadores, tanto no CT quanto no CI o número de colocações nominais foi superior ao de colocações adjetivas. Neste caso, argumentamos que esse fator tenha sofrido influência do gênero textual em questão, que, além de se tratar de textos de linguagem técnica, os textos coletados para análise deste trabalho são extremamente objetivos, impessoais e prescritivos, posto que tratam de apresentações do funcionamento dos periódicos científicos e de instruções para submissão de artigos acadêmicos. Assim, como a comunidade discursiva (Swales, 1990) dos periódicos científicos da área de literatura estabelece o gênero textual *website* através de um objetivo de prescrever um manual claro e direto de diretrizes para autores que pretendem submeter seus trabalhos aos processos de avaliação do periódico, argumentamos que o estilo de redação do gênero textual em questão, mesmo em língua inglesa, tende a utilizar a nominalização como um recurso de objetividade e de distanciamento, o que, portanto, justificaria uma presença tão significativa de colocações nominais e de substantivos nas Unidades Terminológicas definidas para análise neste trabalho.

4.4. Análise Qualitativa dos Dados

Na análise quantitativa anterior, expusemos os padrões convencionados de combinabilidade encontrados nos três corpora. Neste contexto, analisaremos agora dois exemplos de UTs para cada um dos tipos de combinação, focando essencialmente nas classificações que foram mais representativas: colocação nominal, colocação adjetiva e substantivo. Assim como selecionamos dois exemplos de unidades que não possuíram correspondência do Corpus do Português para os Corpus do Inglês. O critério de escolha para

os exemplos de cada categoria foi a identificação de UTs que já haviam se apresentado como desafios tradutórios na primeira tentativa de tradução do website da revista *Ipotesi*, em 2023, e que também aparecem de forma constante na rotina da revista.

Sob esse viés, a análise qualitativa deste trabalho se sucederá da seguinte forma: 1) identificaremos se as UTs encontradas transmitem de fato conteúdo especializado; 2) identificaremos seus correspondentes no CT e no CI; 3) classificaremos o processo de tradução das UTs como equivalência total, equivalência parcial, não equivalência ou inclusão (Arntz; Picht; Mayer, 2002, *apud* Bevilacqua; Kilian, 2017); e 4) identificaremos se essas UTs estão contidas dentro de uma Unidade Fraseológica (Bevilacqua, 2005).

É importante lembrar que, para as análises que se seguirão, levamos em conta essencialmente os conceitos de UT e UF apresentados nos textos de Bevilacqua e Kilian (2017) e Bevilacqua (2005), e já mencionados anteriormente no terceiro capítulo teórico-metodológico. Dessa forma, nos referimos a Unidade Terminológica como “unidades de forma e conteúdo que, utilizadas em determinadas condições discursivas, adquirem valor especializado” (Cabré, 2000, *apud* Bevilacqua; Kilian, 2017, p. 1708-1709), enquanto as Unidades Fraseológicas foram compreendidas como “unidades formadas por um núcleo eventivo, considerado como tal por ser de base verbal ou derivada de verbo (nominalização ou particípio), e por um núcleo terminológico (termo)” (Bevilacqua, 2005, p. 82-83). Além disso, a classificação da tradução leva em consideração os níveis de correspondência que uma UT pode adquirir de uma língua para outra: equivalência total, com correspondência completa de conceitos, equivalência parcial, com equivalência de apenas parte do conceito do termo original, não equivalência, quando não há resquícios do termo original e inclusão, quando para dar conta do conceito a tradução escolhe um termo mais explicativo ou mesmo mais de um termo.

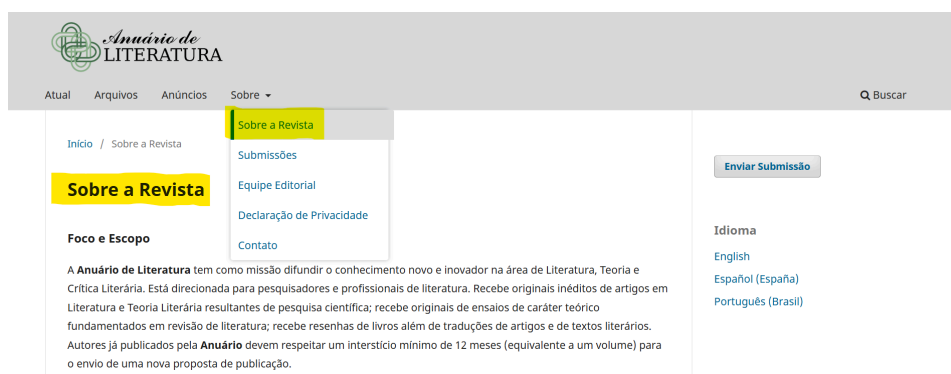
4.4.1. UTs com Coligação Prepositiva

Sob essa perspectiva, há apenas um exemplo, em português, de Unidade Terminológica categorizada como coligação prepositiva: *Sobre a revista*.

À primeira vista, sem um contexto de produção, não parece se tratar de uma unidade especializada e, por isso, não seria terminológica. No entanto, essa unidade dá nome a uma das abas dos websites das quais os textos que compõem os corpora foram extraídos (Figura 1) e, portanto, indica o local onde se encontram informações essenciais sobre o funcionamento do periódico, como: histórico; missão; afiliação; foco e escopo; e políticas editoriais, como

periodicidade e métodos de avaliação. Essas informações precisam ser facilmente encontradas, além de expressas de forma clara e objetiva. Para serem, então, reconhecidas rapidamente tanto em língua portuguesa quanto em língua inglesa, seja nos sites brasileiros ou nos estadunidenses. Essas informações quase sempre estão associadas a essa aba, e, conseqüentemente, a essa unidade. Desse modo, se levarmos em conta essas condições discursivas e o contexto de produção de textos para websites de periódicos científicos em particular, essa unidade passa a ser reconhecida como uma Unidade Terminológica, detentora de forma e conteúdo e que carrega, sim, um valor especializado para o gênero textual em questão.

Figura 2 - Captura de tela do site da revista AL na aba SR.

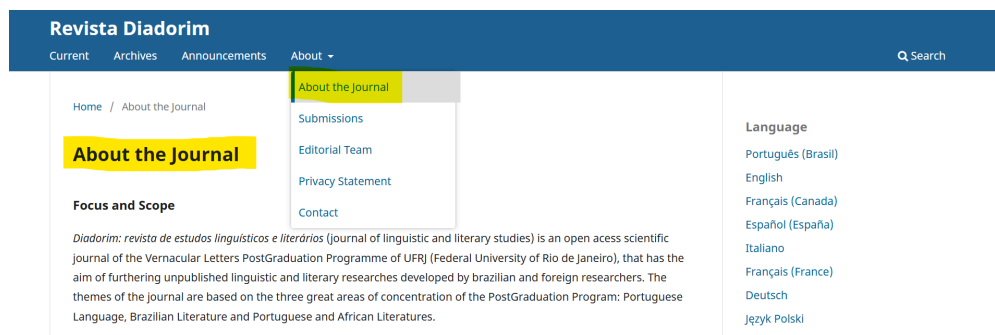


Fonte: Revista Anuário de Literatura, 2024 (grifo nosso)

A Figura 2 acima apresenta uma captura de tela da revista Anuário de Literatura na aba *Sobre a revista*, destacada em amarelo, cujo grau de importância do conteúdo e nível de recorrência em periódicos motiva seu valor como UT e motivou sua seleção como local de coleta de textos para este trabalho. Esse modelo de organização de site foi encontrado em todos os periódicos brasileiros.

Nesse cenário, a tradução encontrada para essa unidade no Corpus Traduzido foi *About the journal* (Figura 3), ambas as ocorrências, em português e em inglês, se tratam de coligações prepositivas. Nesta perspectiva, essa escolha tradutória pode ser classificada como uma equivalência total, visto que há uma relação de simetria entre as duas UTs, e que a unidade traduzida abarca todo o conteúdo transmitido pela unidade em português.

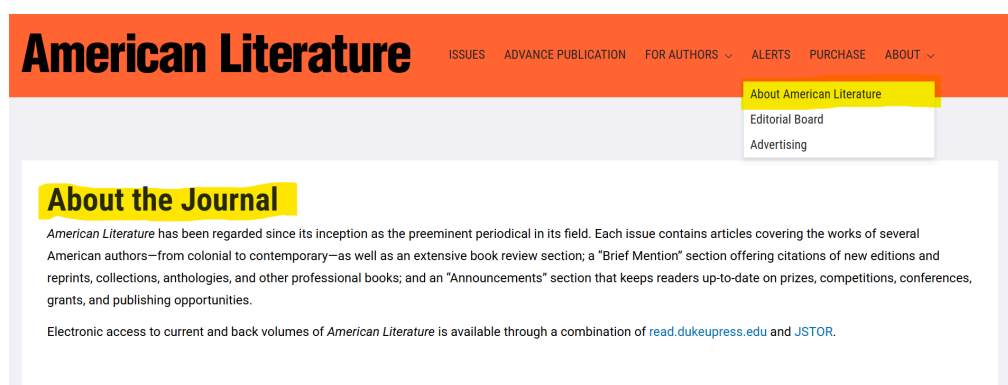
Figura 3 - Captura de tela do site da revista Diadorim na aba *About the Journal*.



Fonte: Revista Diadorim, 2024 (grifo nosso).

No corpus do inglês, as correspondências relativas ao nome dessa mesma aba nas revistas dos EUA foram: *About the journal*; *About us*; *About [nome do periódico]*; *About*; *Journal aims*; *Welcome*; *History* – a título de ilustração, um exemplo poder ser visto destacado de amarelo na Figura 4.

Figura 4 - Captura de tela do site da revista American Literature na aba *About the Journal*.



Fonte: Revista American Literature, 2024 (grifo nosso).

Nesse caso, argumentamos que a solução encontrada no texto traduzido é, além de uma equivalência total de conceitos, uma escolha idiomática, dado que a UT é convencionalizada, ou seja, é utilizada pela comunidade de editores de sites de periódicos científicos da área dos Estudos Literários norte-americana da mesma forma que foi utilizada na versão em inglês dos websites brasileiros, salvo pequenas diferenciações estilísticas. De forma geral, uma estrutura cujo conteúdo de significado central é encabeçado pela preposição *About*, na forma [*About* + complemento], foi mantida em 6 das 10 revistas – a exceção da ocorrência *Journal aims*, que se trata de uma colocação nominal, do periódico SK; de *History*, um substantivo, do periódico SN, e de *Welcome*, também um substantivo (se compreendido como “Boas-vindas”), dos periódicos JML e CLS.

Em seguida, ressaltamos que, por se tratar de uma unidade de texto isolada, como é possível ver nas Figuras 2, 3 e 4 acima, constituindo sozinha uma caixa de texto no site e não fazendo parte de qualquer parcela de texto maior, tanto a UT *Sobre a revista* quanto seus correspondentes em língua inglesa *About the journal*; *About us*; *About [nome do periódico]*; *About*; *Journal aims*; *Welcome* e *History*, não fazem parte de uma Unidade Fraseológica.

Tendo isso em vista, conforme visto na análise quantitativa, a Coligação Prepositiva foi a única classificação da qual apenas um exemplo foi encontrado, nas demais classificações encontramos mais exemplos de UTs.

4.4.2. UTs com Colocação Nominal

Neste cenário, os exemplos da categoria de Colocação Nominal são as UTs *avaliação por pares* e *diretrizes para autores*.

Primeiramente, a UT *avaliação por pares*, também encontrada no CP como *avaliação às cegas*; *avaliação cega por pares*; *avaliação por pares às cegas*; *avaliação ad hoc*; *avaliação por pares*; *avaliação duplo-cego*; *revisão por pares* e *sistema duplo-cego*, é um método de avaliação muito utilizado no processo editorial de revistas científicas brasileiras, em que no mínimo dois revisores especialistas na área e na temática do artigo avaliam sua contribuição para a área e para o periódico a que o artigo foi submetido e apontam, se preciso, possíveis melhorias. No caso de divergência entre os dois revisores, um terceiro revisor é acionado. Segundo o portal Scielo em Perspectiva, da biblioteca digital e internacional de periódicos científicos de acesso aberto, Scientific Electronic Library Online (Scielo), em artigo de 27 março de 2015²³, a revisão por pares é um mecanismo “efetivo e eficaz para garantir a qualidade, confiabilidade, integridade e consistência da literatura acadêmica” (Nassi-Caiò, 2015, par. 2). O método possui duas versões, simples-cego e duplo-cego; na primeira modalidade, o nome dos revisores é mantido em anônimo, mas eles têm acesso ao nome e a afiliação do autor do artigo; já na segunda modalidade, nomes e afiliações, de revisores e de autores, permanecem no anonimato. Neste trabalho, estamos falando do sistema duplo-cego, tanto para as revistas brasileiras quanto para as estadunidenses, pois ele foi utilizado como um dos critérios para a seleção dos periódicos que compõem os corpora. A modalidade duplo-cego é tão bem quista porque, ainda segundo o Scielo em Perspectiva, elimina o “julgamento subjetivo e vieses de autoria e afiliação” (Nassi-Caiò, 2015, par. 6),

²³ <https://blog.scielo.org/blog/2015/03/27/avaliacao-por-pares-modalidades-pros-e-contras/> Acesso em: 14 março 2025

permitindo que o revisor se concentre somente na qualidade do manuscrito e impedindo que pesquisadores proeminentes, ou de instituições de prestígio, tenham seus artigos aprovados em favor de autores de instituições menos renomadas ou de não nativos de língua inglesa, no caso dos periódicos internacionais. Tendo isso em vista, a UT *avaliação por pares* transmite um conceito especializado, que não é apenas o resultado da soma do significado das palavras que a compõem, mas um significado convencionalizado. Esse conceito é intrínseco e fundamental, não somente aos periódicos em Estudos Literários, mas ao universo dos periódicos científicos em geral, nacional e internacionalmente, confirmando-se assim como uma Unidade Terminológica especializada.

A tradução encontrada para essa UT no CT foi uma equivalência total no caso de *sistema duplo-cego* para *double-blind system*, pois abarca o sentido completo do termo, presente na aba *Sobre a Revista* do periódico ELBC. Além disso, há também a tradução *double-blind peer review process* (revista DD e GR - aba SB) e *double-blind peer review* (revista GR - aba SB), que, apesar de estarem mais próximas das variantes *processo de revisão por pares* e *processo de avaliação duplo-cego*, se mostra como uma mistura das duas UTs e seria classificada pelo processo que Bevilacqua (2017) chama de inclusão, pois não é uma equivalência total das palavras que compõem a UT, mas transmite de forma explícita o conceito por trás da UT, dando a unidade um caráter mais explicativo. Ademais, encontramos ocorrências de equivalência parcial que abordaram o conceito desse processo de avaliação de maneira mais sucinta por meio de metonímias como *procedimentos*, *padrão* e *formato*, como em *double-blind procedures* (revista ELBC - aba SR), *double-blind standard* (revista LS - aba SR) e *double-blind format* (revista GR - aba SB).

Já no CI a única correspondência encontrada foi *double-blind peer review process*, ou seja, a UT em sua forma mais explicativa. Com isso, constatamos que, neste caso, a escolha do tradutor está alinhada ao modo como as revistas científicas dos EUA se referem a esse processo, sendo, portanto, idiomática para a cultura, idioma e grupo-alvos.

Percebe-se que o termo, por já ser um termo entrincheirado na língua portuguesa como referente ao universo de avaliação científica, e as revistas científicas do país utilizarem esse processo de avaliação, pode ser frequentemente encontrado em sua forma lexical mais “curta”, como *avaliação às cegas*. Por outro lado, no inglês, por serem comuns revistas científicas não ligadas ao meio acadêmico e a esse método de avaliação em específico, aquelas que aplicam o método se referem a ele em sua forma lexical mais “longa”, explicativa, como *double-blind peer review process*.

Em seguida, buscamos identificar se as UTs integrariam Unidades Fraseológicas nos três corpora. Assim, as UTs foram encontradas nas seguintes Unidades Fraseológicas no Corpus do Português: *realizada no sistema duplo-cego* (revista ELBC - aba SB); *respeitando o sistema de avaliação às cegas* (revista FZ - aba SB); *garantir a segurança da avaliação às cegas* (revista Anuário de Literatura - aba SB), *para assegurar a Avaliação Cega por Pares* (revista GR - aba SB). Nestes exemplos, *realizada*, *respeitando*, *garantir* e *assegurar* são os núcleos eventivos das UFs, enquanto *sistema duplo-cego*, *avaliação às cegas* e *avaliação cega por pares* são os núcleos terminológicos. Nesta circunstância, ao evidenciar como se referem às relações sintáticas e semânticas entre os núcleos no universo objeto desta pesquisa, essas Unidades Fraseológicas transmitem um conhecimento especializado, o qual é necessário para a produção de textos na língua portuguesa, no contexto cultural brasileiro e neste gênero textual de websites de periódicos científicos.

No Corpus Traduzido, as UTs foram encontradas, por exemplo, nas UF: *rejected in a double-blind peer review* (revista GR - aba SB); *performed in the double-blind system* (revista ELBC - aba SB); *use of double-blind procedures* (revista ELBC - aba SR); *follows the double-blind standard* (revista LS - aba SR), nas quais os núcleos eventivos são *rejected*, *performed*, *use* e *follows*, enquanto os núcleos terminológicos são *double-blind peer review*, *double-blind procedures* e *double-blind standard*. A unidade também foi encontrada fora de uma Unidade Fraseológica eventiva, como *to be in a double-blind format* (revista GR - aba SB), em que o verbo *to be* é um verbo estativo e não um verbo eventivo, não apresentando assim um núcleo eventivo, apesar do núcleo terminológico *double-blind format*. Além disso em situações como *in a double-blind peer review process* (revista DD - aba SB) e *as part of a double-blind peer review process* (revista GR - aba SB) a UT integra um sintagma preposicional, seguindo a convencionalidade da língua inglesa em que foco central é uma preposição, e, portanto, também não compõem uma UF.

Já no Corpus do Inglês, a Unidade Terminológica foi encontrada nas seguintes Unidades Fraseológicas: *uses a double-blind peer review process* (revista CLS - aba SB); *follow a double-blind review process* (revista NHL - aba SB). Nesses exemplos, os núcleos eventivos são *uses* e *follow*, enquanto o núcleo terminológico em ambos os casos é *double-blind peer review process*.

Por outro lado, a UT *diretrizes para autores* designa o nome de uma subseção da aba *Submissões*, presente em todas revistas brasileiras objeto deste trabalho. Nesse contexto, consideramos todos os nomes de abas e de suas respectivas subseções como UTs simplesmente por já denominarem blocos de informações específicas dentro dos websites, de

forma que essas informações sejam destacadas e facilmente identificadas, porém verificaremos se essa Unidade Terminológica também é considerada uma UT fora da função de nomear a subseção, visto que ela também aparece no corpo do texto.

De acordo com o dicionário online Houaiss²⁴, diretrizes são um conjunto de normas para um procedimento ou para uma conduta. Dentro desse contexto, a unidade *diretrizes para autores* designa o conjunto de normas estabelecidas por cada uma das revistas, brasileiras e americanas, por sua equipe editorial. Essas normas orientam os autores dos artigos, resenhas e traduções durante todo o processo da formatação do texto, do envio do artigo para a revista e da avaliação do texto pelo periódico. No caso das revistas brasileiras, por exemplo, o envio deve ser feito por meio do preenchimento de formulários de submissão na plataforma OJS, a plataforma responsável por hospedar todos os periódicos científicos ligados à CAPES, e cujas informações indispensáveis são geralmente sinalizadas nas diretrizes. Essas diretrizes, também costumam descrever a política de acesso aberto dos periódicos, sua política anti-plágio, que tipos de textos cada periódico aceita, que titulação (graduação, mestrado ou doutorado) seus autores precisam ter, as informações que devem, ou não devem estar contidas no arquivo de texto, o formato do arquivo, bem como seus padrões de formatação e o processo de avaliação ao qual os textos serão submetidos. Dessa forma, a UT *diretrizes para autores* remonta a um conjunto de diretrizes particulares à área de revistas científicas, cujo público-alvo são autores dos artigos/resenhas/traduções, além de ser uma unidade já entrenchada no vocabulário da pesquisa acadêmica. Assim, confirma-se então como Unidade Terminológica especializada.

Sob essa visão, encontramos algumas outras unidades que transmitem o mesmo conhecimento especializado, essas variações são: *condições para submissão*; *normas para submissão*; *normas para publicação*; *normas de publicação*; e *normas editoriais*.

Na revista Gragoatá (aba SB), encontramos no CT uma tradução por equivalência total para *normas de submissão*, que foi traduzida como *submission guidelines*, mas essa tradução aparece uma única vez em todo o CT. Já para *diretrizes para autores*, e todas as demais variações, observamos que a tradução escolhida foi *author guidelines*, também através de um processo tradutório de equivalência total. Uma exceção foi a variante *normas editoriais*, que recebeu uma tradução por equivalência total na forma de *editorial guidelines* (revistas GR e LS - aba SB).

²⁴ https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/148209:313/ - Acesso em 07 março 2025.

Nos textos originalmente escritos em inglês (CI), as Unidades Terminológicas encontradas foram as mesmas UTs da tradução, *author guidelines e submission guidelines*, o que evidencia o caráter idiomático das escolhas dos tradutores das revistas brasileiras. No entanto, no Corpus do Inglês, o uso de *submission guidelines* é ligeiramente mais expressivo que *author guidelines*, tendo respectivamente 5 e 3 ocorrências, comportando-se de forma oposta ao Corpus Traduzido, onde elas apareceram 1 e 15 vezes, respectivamente, e onde a escolha quase unânime de tradução foi por *author guidelines*. Neste contexto, esse exemplo ilustra nosso argumento de que as traduções então circunscritas a um mesmo centro gravitacional (Baker, 2004) e, portanto, convencionalizam, no Brasil, o uso de *author guidelines* como a UT em inglês que transmite o significado especializado de normas de periódicos para submissão, pois ela está mais próxima formalmente de *diretrizes para autores*, mesmo que ela não seja a forma mais frequente que observamos ser utilizada em textos escritos por nativos norte-americanos.

Em seguida, identificamos, no Corpus do Português, que, quando a UT *diretrizes para autores* desempenha o papel de nome de subseção, ela aparece de forma isolada no texto e não está contida em nenhuma Unidade Fraseológica. Contudo, quando inserida no corpo do texto da aba *Submissões*, ela aparece nas UFs: *descritos nas Diretrizes para Autores* (revista ELBC, LS e TROT - aba SB), *listados em Diretrizes para Autores* (revista LS - aba SB) *disponíveis nas Condições para submissão e Diretrizes para Autores* (revista LS - aba SB). Nestes exemplos, *descritos*, *listados* e *disponíveis* são os núcleos eventivos das UFs enquanto *diretrizes para autores* e *condições para submissão* são os núcleos terminológicos. Há também um exemplo, *em Diretrizes para Autores* (revistas AS, AL e DD - aba SB) em que a UT não está contida em uma UF eventiva com núcleo verbal, mas em um sintagma preposicionado. Concomitantemente, suas variações apresentam as UFs *estabelece (...)* *normas editoriais* (revistas AL e ID - aba SB); *seguir as normas para publicação* (revista ID - aba SR); e *cumprimento das normas de publicação* (revista RM - aba SB), em que os núcleos eventivos são *estabelece*, *seguir*, *cumprimento* (forma nominalizada do verbo cumprir), e os núcleos terminológicos são *normas editoriais*, *normas para publicação* e *normas de publicação*. Por fim, as UTs *normas para publicação*, *normas para submissão* e *condições para submissão* também ocorrem fora de uma Unidade Fraseológica na função de nome de subseção.

No Corpus Traduzido, as traduções das Unidades Terminológicas em questão foram encontradas nas UFs: *described (...)* *in submission guidelines* (revista GR - aba SB); *following editorial guidelines* (revista AL - aba SB); *outlined in the Author Guidelines* (revista AS,

ELBC - aba SB); *read the Author Guidelines* (revista GR - aba SB). Nesses exemplos, os núcleos eventivos, ou seja, os núcleos de base verbal, são *described, following, outlined* e *read*; e os núcleos terminológicos, compostos pelas UTs, são *submission guidelines, editorial guidelines* e *author guidelines*. Além disso, identificamos que a Unidade Terminológica *author guidelines* desempenha o papel de nome de subseção, e portanto não faz parte de uma UF, na aba *Submission das revistas AS, AL, DD, ELBC, FZ, GR, ID, TROT, RM e LS*. Também na revista *Anuário de Literatura*, na aba *Submissions*, a UT *editorial guidelines* ocorre com o papel de nome de subseção e não está contida em uma Unidade Fraseológica.

No Corpus do Inglês, a UT *author guidelines* foi encontrada como nome de subseção das revistas *New Literary History* e *Studies in the Novel* e, como aparecem isoladas do restante do texto, não estão presentes em uma Unidade Fraseológica. Ainda na revista *NHL*, na aba *Submissions*, a mesma UT foi encontrada na UF *see below for author guidelines*, na qual o núcleo eventivo é o verbo *see* e o núcleo terminológico a UT *author guidelines*. Além disso, a UT *submission guidelines* foi encontrada como nome de subseção nas revistas *American Literature, Journal of Modern Literature, Modern Fiction Studies* na aba SB, não estando, portanto, presente em uma Unidade Fraseológica. Ademais, a mesma unidade foi também identificada em *updates about (...) submission guidelines* (revista *JML*, aba SR), neste caso a unidade faz parte de um sintagma nominal cujo nome *updates* é derivado de verbo por nominalização, portanto, também se trata do núcleo de uma Unidade Fraseológica.

4.4.3. Termos Substantivos

Nesta categoria, as Unidades Terminológicas são simples, formados por uma única palavra, o termo. Assim, o primeiro exemplo são os termos *revista* e *periódico*, dois termos distintos que representam variações de um mesmo conceito, e no contexto em questão foram tratados como sinônimos e traduzidos para os mesmos termos *journal* e *magazine*.

O dicionário online Houaiss de língua portuguesa²⁵, traz uma das definições de revista como:

publicação periódica, destinada a grande público ou a um público específico, que reúne, em geral, matérias jornalísticas, esportivas, econômicas, informações culturais, conselhos de beleza, moda, decoração etc. [Algumas revistas destinam-se a um público especializado, assumindo, portanto, um

²⁵ https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/bc0/revista - Acesso em 13 março 2025.

determinado formato: jornalístico, científico, literário, esportivo etc.]
(Revista, 2025)

No contexto deste trabalho, a palavra revista define uma publicação periódica para um público específico – pesquisadores e interessados em pesquisas na área dos Estudos Literários –, assumindo assim um formato científico que remonta a uma combinação de características próprias da comunidade em questão e do gênero textual referentes à produção de texto, à publicação, a um conjunto de normas de publicação e de funcionamento editorial e a um alto grau de especialização. Desse modo, o termo formado pelo nome *revista* se trata, neste caso, de um conceito intrínseco à comunidade científica, em especial à comunidade dos Estudos Literários, e, por isso, apresenta de fato um viés especializado e se confirma como unidade terminológica.

O mesmo acontece com a palavra periódico, cuja terceira entrada do dicionário Houaiss²⁶ define como: “publicação (jornal, revista etc.) que aparece em intervalos fixos ou regulares e que conta com a contribuição de colaboradores diversos” (Periódico, 2025).

Sob essa perspectiva, o termo formado pelo nome *periódico* representa uma revista com publicações em intervalos regulares (no caso das revistas brasileiras essa publicação é feita semestralmente) e com a contribuição de diferentes colaboradores, sejam eles autores diversos ou a equipe editorial e o conselho editorial da própria revista, formado por um grupo múltiplo e diverso de pesquisadores, professores e especialistas na área de conhecimento que serão responsáveis, respectivamente, por etapas diferentes do processo editorial e por avaliar textos de temáticas mais particulares dentro da área geral dos Estudos Literários. No entanto, no contexto deste trabalho, os periódicos só publicam artigos, entrevistas, resenhas e traduções derivadas de pesquisas científicas na área de foco de cada periódico. Dessa forma, *periódico* apresenta um conceito intrínseco à esta comunidade científica, e, por isso, de fato transmite um conhecimento especializado e se confirma como Unidade Terminológica.

Quanto às suas traduções, encontramos no Corpus Traduzido as correspondências *journal*, *magazine* e *scientific journal* para ambos os termos. O termo *journal* evidencia uma equivalência total, o substantivo abarca o significado de revista/periódico para fins acadêmicos e/ou científicos, com rigor metodológico e para um público de especialistas e pesquisadores. Por outro lado, a expressão *scientific journal* configura um processo de equivalência parcial, uma vez que só abarca parcialmente o conceito encontrado nos termos em português. O termo *scientific* é utilizado convencionalmente em língua inglesa para

²⁶ https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/e24/peri%C3%B3dico - Acesso em 13 março 2025.

contextos referentes à ciência, tecnologia, engenharia e matemática, porém, para abarcar também as ciências humanas, às quais os Estudos Literários pertencem, o mais idiomático teria sido a utilização da expressão mais abrangente *scholarly*. Para defender esse argumento, encontramos no Corpus do Inglês a correspondência *scholarly journal*. Além disso, o termo *magazine* expõe uma não equivalência na tradução. De acordo com a biblioteca da Universidade de Louisville²⁷, nos Estados Unidos, apesar de se referir a uma publicação realizada em intervalos regulares e com múltiplos colaboradores, a palavra *magazine* remete a um contexto em que os textos produzidos são de um campo temático amplo e sobre tópicos de interesse geral, cujo o público-alvo é um leitor letrado, mas não especialista no assunto, e os autores são redatores contratados, ou até mesmo acadêmicos convidados. Este tipo de revista também não cita as fontes das informações apresentadas. Dessa forma, argumentamos que esta tradução (*magazine*) não abarca o conteúdo especializado dos termos em português, apenas o significado mais superficial das palavras *revista* e *periódico*, e, portanto, não pode ser considerado uma equivalência de termos na língua inglesa.

Em seguida, o termo *revista* foi encontrado, no Corpus do Português, em uma vasta variedade de ocorrências, entre elas podemos citar as UFs: *a revista publica artigos* (revista AS - aba SR); *a revista aceita* (revistas AS, ID e RM - SR); *a revista reserva-se o direito de* (revista AL - aba SR); *a revista exige* (revista AS; *esta revista oferece* (nas revistas AS; FZ; AL; DD; LS - aba SR), *autorizam a revista* (nas revistas TROT; ELBC; FZ - aba SR). Nestes exemplos, o núcleo terminológico é *revista*, enquanto os núcleos eventivos são *publica*, *aceita*, *reserva-se*, *exige*, *oferece* e *autorizam*. Vale ressaltar que, nas cinco revistas em que a UT *esta revista oferece* aparece, ela está contida em um parágrafo de forma integral em todas elas, sendo o conteúdo da subseção *Política de Acesso Livre*, como segue: “Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.” (revistas AS; FZ; AL; DD; LS - aba SR, 2024). Desta forma, este parágrafo inteiro pode ser considerado um parágrafo convencionalizado, uma Unidade Fraseológica, caracterizando a forma como revistas científicas da área de Estudos Literários abordam a Política de Acesso Livre.

Quanto ao termo *periódico*, nós o identificamos como parte integrante das Unidades Fraseológicas: *o periódico preocupa-se em garantir diversidade institucional* (revista AL - aba SR) e *o periódico sugere o depósito no repositório* (revista GR -aba SB). Nestes exemplos, o núcleo terminológico é *periódico* e os núcleos eventivos são *preocupa-se* e

²⁷ <https://library.louisville.edu/help/magazine-journal> - Acesso em 17 março de 2025.

sugere. Além disso, o termo também faz parte da Unidade Terminológica *Histórico do periódico*, que designa o nome de uma subseção da aba *Sobre a Revista* nos websites, neste caso, por estarem isolados, nem o termo e nem a unidade que o contém integram uma Unidade Fraseológica. O termo também não integra uma UF nos exemplos *este periódico tem por objetivo* (revista AS - aba SR) e *o periódico possui três seções fixas* (revista ELBC - aba SR), uma vez que os verbos *tem* e *possui* são verbos de posse e não transmitem nenhum evento/ação, não podendo ser considerados, neste trabalho, núcleos eventivos.

No Corpus Traduzido, a tradução *journal*, que seria a mais adequada as UTs em questão, foi encontrada nas UFs: *this journal aims to establish the public inscription of knowledge* (revista AS - aba SJ); *this journal provides immediate open access* (revista FZ - aba AJ); *the journal preserves at least seventy-five percent of its space for external contributions* (revista TROT - aba SBM). Nestes casos, o núcleo terminológico das UFs é o termo *journal* e os núcleos eventivos são *aims*, *provides* e *preserves*. Assim, o termo compõem UFs como núcleo.

No Corpus do Inglês, a UT *journal* foi encontrada, por exemplo, em: *the journal seeks articles on* (revista LG - aba SBM); *the journal welcomes articles on multiple genres* (revista CL - aba SBM); *areas of expertise and interest in the fields the journal covers* (revista MFS - aba AJ); *the journal receives a very large volume of contributions every year* (revista NLH - aba SBM). Nestes exemplos, o termo está inserido em Unidades Fraseológicas como núcleo terminológico, junto com os núcleos eventivos *seeks*, *welcomes*, *covers* e *devoted*, mesmo que no exemplo de *covers* a ordem convencional da frase (sujeito-verbo-objeto) esteja invertida. Novamente, o termo está presente como núcleo em Unidades Fraseológicas.

Contudo, tanto no CT quanto no CI foi possível observar a presença da UT *journal* em orações que não possuíam núcleos eventivos e, portanto, não foram consideradas UFs. Para esse caso podemos usar como exemplo *this journal has a policy of blind peer reviewing* (revista SK, aba SBM), em que o núcleo verbal não é um verbo ou nominalização eventiva, mas um verbo que indica posse; *the journal is a semester publication* (revista - DD - aba AJ) e *the online journal is free* (revista ILD - SBM), exemplos cujo verbo é estativo e não eventivo. Dessa forma, podemos observar que toda UF terá um núcleo terminológico, mas nem toda UT estará inserida dentro de uma UF quando ocorrer no texto.

O segundo exemplo da categoria dos Substantivos é o termo *Letras*, que, em sua forma cristalizada como substantivo feminino no plural iniciado por letra maiúscula, carrega a designação de uma área do conhecimento e é utilizada para definir faculdades e cursos de

nível superior no Brasil que englobam as áreas de Literatura, Linguística e Línguas. O conceito pode ser encontrado na sétima entrada do dicionário Houaiss para a palavra Letras²⁸:

conhecimentos linguísticos e literários que compreendem sobretudo as disciplinas de literatura, gramática, linguística, línguas mortas e vivas, ministradas nos cursos superiores de Letras <formado em L.> <curso de L.> inicial ger. maiúsc. (LETRAS, 2025)

Neste contexto, não se trata do significado mais superficial da palavra *letra* como sinal gráfico que representa um fonema ou grupo de fonemas (LETRA, 2025)²⁹, mas sim de um conceito cristalizado social e academicamente, que é particular e de suma importância para a área de conhecimento em questão, visto que a designa, e deve ser grafado sempre no plural e iniciado com Letra maiúscula para carregar esse conceito. Sob essa ótica, *Letras* transmite um conhecimento especializado e se confirma como Unidade Terminológica.

Para a tradução, o termo não possui um equivalente direto, visto que o conceito que ele carrega não existe na cultura americana. Nos Estados Unidos, não há uma denominação de uma área geral (Letras) que abarca a Literatura, a Linguística e as Línguas, ao invés disso ou usa-se o termo mais geral para as ciências humanas (*Humanities*) ou o nome da área de conhecimento específica (como *Linguistics* e *Literature*, por exemplo), seja para se referir a área em si ou para denominar o curso de nível superior especializado nela.

Dessa forma, encontramos no Corpus Traduzido as seguintes traduções *Languages and Linguistics* (revista AS - aba SR); *Literature, Literary Theory, and Literary Criticism* (revista AL - aba SR); *Vernacular Letters* (revista DD - aba SR); *Languages* (revista GR - aba SR); *Literature* (revista LS - aba SR); *Letters* (revista TROT - aba SR); *Languages and Linguistics* (revista ID - aba SR). Como comentamos, nenhuma das traduções será uma equivalência do termo *Letras*, no entanto, cada uma se refere a área temática específica abordada pelo periódico em que aparece, sendo, por isso, consideradas traduções de equivalência parcial, visto que abarca apenas parte do conceito do termo especializado. É, no entanto, necessário ressaltar a tradução da revista Diadorim (*Vernacular Letters*) e da revista Terra Roxa e Outras Terras (*Letters*) que traduziram a palavra letras, e não Letras, de maneira que a forma traduzida estivesse presa a forma lexical do português, não sendo, assim, idiomático a comunidade discursiva que receberá o texto em língua inglesa.

²⁸ https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/d29/letras - Acesso em 13 março 2023

²⁹ https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/d29/letras - Acesso em 13 março 2023

Sob esse viés, no Corpus do Português a UT foi encontrada em orações de verbos estativo, que, como já comentamos, não se configura como Unidade Fraseológica por não possuir um núcleo eventivo, como por exemplo: *Diadorim (...) é a revista científica de acesso livre do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ* (revista DD - aba SR). Ou mesmo está presente em Unidades Fraseológicas as quais o termo *Letras* não é o núcleo terminológico, como em *A revista preserva, pelo menos, setenta e cinco por cento de seu espaço para contribuições externas ao Programa de Pós-graduação em Letras da UEL* (revista TROT - aba SR), cujo núcleo terminológico é *revista* e o núcleo eventivo é *preserva*. Nos dois exemplos, o termo configurou, na verdade, um sintagma preposicionado que caracteriza a temática, a área do conhecimento, a qual o Programa de Pós-Graduação se dedica.

No Corpus Traduzido a UT foi encontrada em situações como *the mission to disseminate new and groundbreaking knowledge in the fields of Literature, Literary Theory, and Literary Criticism* (revista AL - aba AJ), e *To speech the process of scientific communication in Languages and Linguistics* (revista AS - aba AJ), novamente como parte de sintagmas preposicionados que delimitam um temática para o campo do conhecimento (*field*) e para a comunicação científica (*scientific communication*). Desta vez, apesar de apresentar os núcleos eventivos *to disseminate* e *to speech*, os núcleos terminológicos são *scientific communication* e não os correspondentes traduzidos da UT *Letras, Literature, Literary Theory, and Literary Criticism* e *Languages and Linguistics*.

No Corpus do Inglês, os equivalentes parciais da UT podem ser encontrados em *Symplokē is a comparative literature and theory journal* (revista SK - aba AJ) e *Studies in the Novel started as an idea among several members of the English Department* (revista SN - aba AJ). No primeiro exemplo, a oração apresenta o verbo estativo *é*, não sendo, então, uma Unidade Fraseológica. No segundo exemplo, apesar de apresentar um núcleo eventivo, *started*, a UT, na forma de *English*, que em português poderia ser Departamento de Letras, não é o núcleo terminológico da oração, mas parte de um sintagma preposicionado.

Dessa forma, *Letras, revista e periódico* são exemplos de conceitos especializados de palavras não especializadas no uso comum, é com essas Unidades Terminológicas que o tradutor precisa ter um cuidado redobrado na hora de traduzir, para que sua condição como termo não passe despercebida e haja um equívoco tradutório, como em *Letters*. Nesta subseção, vemos que nem sempre os termos ou Unidades Terminológicas são aparentes, ou seja, facilmente identificados e destacados do uso comum, como o que acontece com termos médicos como *cefaleia* e *afasia*, e, principalmente, nem sempre possuem correspondentes

únicos e diretos na língua alvo. Por exemplo, vimos que o termo *Letras* não possui um equivalente total na língua e cultura inglesa, tendo, assim, diferentes correspondentes parciais (*Languages; Languages and Linguistics; Literature*) que serão mais adequados de acordo com cada contexto extralinguístico ao qual o termo em português se refere. Por isso, defendemos que possuir a habilidade de identificar termos e, ainda, de identificar como a mudança de contexto cultural e/ou textual de produção desse termos pode influenciá-los, tanto na língua de partida quanto na língua de chegada, se mostra importante na formação do tradutor, na avaliação da qualidade da tradução e na avaliação de sua competência tradutória. Argumentamos que o desenvolvimento dessas habilidades são fruto da inserção do estudo da Terminologia na formação do tradutor, seja de forma individual pelo próprio indivíduo ou de maneira formal, sendo, por exemplo, foco de disciplinas de graduação/pós-graduação ou tema de cursos livres, pois esse conhecimento é uma peça importante da constituição da competência tradutória.

4.4.4. UTs com Colocação Adjetiva

Como vimos anteriormente, as UTs classificadas como colocação adjetiva são compostas por um substantivo modificado por um adjetivo, em português o substantivo precede o adjetivo e em inglês o adjetivo precede o substantivo. Nestas condições, os dois exemplos selecionados foram: *conselho editorial* e *acesso livre*.

O primeiro exemplo é a UT *conselho editorial*. Segundo o dicionário online Houaiss³⁰, a palavra conselho pode designar um “grupo de pessoas apontado ou eleito como corpo consultivo e/ou deliberativo e/ou administrativo, seja de atividades públicas, seja de atividades privadas”. Sob essa ótica, no caso deste trabalho, *conselho editorial* é o grupo de pessoas, acadêmicos especialistas na área de Estudos Literários, que assessora e orienta os processos de publicação, sendo responsáveis por decidir as políticas editoriais, selecionar artigos e garantir a qualidade do periódicos, também são eles que sugerem temas e autores. O termo é muitas vezes confundido com Equipe Editorial, mas a própria Equipe Editorial que é dividida em Conselho Editorial e Conselho Consultivo Editorial, sendo esse último responsável apenas por dar conselhos, sem interferir diretamente em nenhuma decisão editorial. Portanto, *conselho editorial* designa um tipo de conselho próprio da área dos

³⁰ https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/101/conselho - Acesso em 07 março de 2025

periódicos científicos, com responsabilidades características da área e em favor dos objetivos da revista, podendo ser classificado, assim, como uma UT especializada.

No Corpus do Português foi encontrado em ocorrências como *cabe aos editores e conselho editorial decidir se o manuscrito será enviado para revisão* (revista AS - Aba SB); *O conselho editorial reserva-se o direito de rejeitar submissões* (revista AL - aba SB); os dois exemplos se tratam de UFs, cujos núcleos terminológicos são *conselho editorial* e cujos núcleos eventivos são *decidir* e *reserva-se*. Já nos exemplos *os trabalhos (...), serão submetidos à avaliação de dois pareceristas, membros do Conselho Editorial* (revista FZ - aba SR); *Todos os textos são submetidos a um conselho editorial* (revista DD - aba SR); a oração tem um núcleo verbal estativo, que não configura UF, além disso não são os núcleos terminológicos das frases, mas partes de um sintagma preposicionado.

A correspondência para a UT, tanto no CT quanto no CI. é uma equivalência total do conceito através do termo Editorial Board.

No Corpus Traduzido, foi encontrado na tradução de uma das UF acima *the editorial board decide whether the manuscript is sent* (revista AS - aba SBM), em que o núcleo eventivo é *decide* e o núcleo terminológico *editorial board*. Outro exemplo é o excerto *professors/researchers invited by the Editorial Board*, neste caso, editorial board não é o núcleo terminológico da unidade, classificação ocupada por *invited*. A UT é na verdade, parte de um sintagma preposicionado o que o faz um agente passivo de uma frase na voz passiva.

No Corpus do Inglês, a UT foi encontrada em *Mfs carries two editorial boards* (revista MFS - aba AJ) e como nome isolado de subseção, *Editorial Boards* (revista MFS - aba AJ). Em nenhum dos dois casos se trata de uma Unidade Fraseológica, o segundo por se tratar de uma UT isolada, o primeiro porque, apesar do núcleo eventivo *carries*, seu núcleo terminológico não é Editorial Board.

O segundo exemplo da categoria de colocação adjetiva é a UT *acesso livre*, também encontrada no CP nas variações *acesso aberto* e *acesso público*. Esse termo designa uma política de divulgação internacional gratuita da ciência oferecida pelos periódicos brasileiros e exigida pela CAPES para reconhecimento do valor deste periódicos, de forma que nenhum valor pode ser cobrado dos autores para a publicação, nem dos leitores para o acesso ao conteúdo. Dessa forma, o termo designa um conhecimento especializado de uma política da área dos periódicos científicos no Brasil.

Sua tradução no CT ficou como *Open Access*, que passou por um processo de equivalência total na tradução, e no CI como *Gold Open Access*, que pode ser entendido como uma correspondência com inclusão, visto que, por cobrarem taxas para publicar artigos e para

que seja possível acessá-los – coisa que os periódicos brasileiros não fazem – as revistas estadunidenses acrescentam o termo Gold e transformar a UT *Open Access* não na definição de conteúdo aberto ao público sem cobrança, mas em uma categoria de taxa, semelhantes aos planos de assinaturas, em que o autor paga para os leitores possam ter acesso ao seu artigo.

Dessa forma, no Corpus do Português, as UTs em questão fazem parte de: *Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo* (revista LS - aba SR); *Diadorim (...) é a revista científica de acesso livre* (revista DD - aba SR); *A revista on-line tem acesso aberto e gratuito* (revista ILD - aba SR); *Disponível em Acesso Livre* (revista TROT - aba SR). Vemos que no primeiro exemplo se trata de uma UF com o núcleo eventivo *oferece* e com dois núcleos terminológicos *revista* e *acesso livre*. O segundo exemplo não se trata de uma UF, pois apresenta o verbo estativo *é*. Já o terceiro exemplo também não é uma UF, visto que, apesar do *disponível* poder ser relacionado ao verbo *disponibilizar*, *disponível* é um adjetivo e não pode ser um núcleo de verbo ou derivado da nominalização de um verbo.

No entanto, podemos considerar que essa UT é núcleo de uma Unidade Fraseológica porque cinco dos 10 periódicos brasileiros possuem o período: *Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento* (revistas AS, AL, DD, FZ, LS - aba SR); reproduzido de forma quase integral, com pequenas variações superficiais, transformando o período em uma forma frequente e peculiar desta comunidade discursiva expressão o acesso livre de seu conteúdo.

O termo também é encontrado como nome de subseção na UT isolada *Política de Acesso Livre*, que pelo isolamento também não é considerada uma UF.

No Corpus Traduzido, a tradução *Open Access* é encontrada como UT isolada em *Open Access Policy* (revistas FZ, DD, AL, AS, ILD - aba SBM); e na sentença *this journal provides immediate open access to its content* (revista DD - aba SBM), cujo núcleo eventivo da UF é *provides*, mas o núcleo terminológico não é *open access* e sim *journal*. Além disso a UF que designa a forma como a comunidade expresso o acesso livre do conteúdo foi traduzida e aparece no CT, no entanto, a tradução varia entre *free access*, em *This journal offers free and immediate access to its content*, (revista AL - aba SBM), e *open access* em *This journal provides immediate open access* (revista AS - aba SBM).

No Corpus do Inglês, um correspondente para a UT foi encontrado em *We accept publishing fees for Gold Open Access* (revista TGR - aba SBM), que apesar de ser uma UF, o núcleo terminológico é *publishing fees* e não *Gold Open Access*, enquanto o núcleo eventivo é

accept. Desse modo, apesar de fazer parte de uma UF, não foi encontrada como núcleo de uma Unidade Fraseológica no Corpus do Inglês.

4.4.5. UTs Sem Correspondência em Inglês

Nossa análise quantitativa dos corpora demonstrou que, em média, 34% das unidades terminológicas do CP não possuem um termo correspondente no Corpus do Inglês. Devido a sua expressiva presença em nosso levantamento, acreditamos que esses termos/UTs também deveriam ser analisados, e as razões de sua ausência na língua inglesa discutidas. Nessa circunstância, continuamos selecionando dois exemplos: *programa de pós-graduação* (uma colocação nominal) e *indexadores* (um substantivo).

A UT *Programa de Pós-Graduação* se torna uma unidade de especializada ao transmitir em seu conceito a organização dos cursos de pós-graduação no Brasil, organizados por áreas temáticas, como Linguística ou Estudos Literários, que formam programas aos quais os curso de mestrado e doutorado são associados, e não apenas associados a departamentos como nos EUA. Dessa forma, sua correspondência não foi encontrada no Corpus do Inglês, mas sua tradução mais frequente no Corpus Traduzido foi *Post-Graduate Program*, uma tradução de equivalência total, mas que não é idiomática, visto que o termo mais adequado na língua inglesa para designar um programa aos moldes do que conhecemos como pós-graduação seria *Graduate* e não *Post-Graduate*. A escolha pela segunda opção menos idiomática, demonstra como essa escolha tradutória está atrelada às características do português.

Assim, no Corpus do Português, a UT foi encontrada em *a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Literatura retomou o projeto de publicação da revista* (revista AL - aba SR), uma UF com o núcleo eventivo sendo *retomou* e o núcleo terminológico *Programa de Pós-Graduação*; em *Ilha do Desterro é um periódico do Programa de Pós-Graduação em Inglês* (revista ILD - aba SR), que não é uma UF posto que apresenta um verbo estativo; e por fim na UF *Editada pelo Programa de Estudos Literários* (revista FZ - aba SR), de núcleo eventivo *editada* e um núcleo terminológico *Programa de Estudos Literários*, uma variação metonímica de *Programa de Pós-Graduação*.

No Corpus Traduzido, a tradução para a UT foi encontrada nas UFs *Gragoatá began as an initiative of the academic staff of the former Post-Graduate Programme in Languages at UFF* (GR), cujo núcleo eventivo é *began* e o núcleo terminológico é *Post-Graduate Programme in Languages*; e em *The Diadorim Journal was created because the Vernacular*

Letters PostGraduate Program (GR), cujo núcleo eventivo é a locução verbal *was created* e o núcleo terminológico é *Vernacular Letters PostGraduate Program*.

Já o termo *indexadores*, segundo o Portal de Periódicos da UFMG³¹, são bases de dados ou diretórios, nacionais e internacionais, em que a produção científica é armazenada, disseminada e divulgada. Essas bases de dados auxiliam na visibilidade do periódico e garantem de certa forma a qualidade dos periódicos indexados através de uma lista de critérios de qualidade. Dessa forma, o termo transmite um conhecimento próprio da comunidade científica que publica e consome artigos. Para esse termo não foi encontrada correspondência no CI, apenas do verbo indexado denominado *indexed*, porém, a tradução encontrada no CT através de um processo de equivalência total foi *indexer*.

No Corpus do Português, a UT foi encontrada em *Conforme regras do SciELO, um dos nossos principais indexadores no Brasil* (revista ILD - aba SB), que não se trata de uma UF, pois não possui núcleo eventivo; e na UF *para reprodução em indexadores de conteúdo* (revistas RM, ELBC - aba SR), cujo núcleo eventivo é *reprodução*, um substantivo derivado da nominalização do verbo reproduzir, e cujo núcleo terminológico é *indexadores*.

No Corpus Traduzido, a UT foi encontrada em *the journal begins to integrate metric and metadata indexers* (revista LS - aba SBM), uma UF cujo núcleo eventivo é *to integrate* e o núcleo terminológico é *indexers*. Ela também foi encontrada em *According to Scielo standards, one of four major indexers in Brazil* (revista ILD - aba SB), que não se trata de uma UF, pois não tem um núcleo eventivo.

4.5. Síntese dos resultados

Em resumo, concluímos com a análise quantitativa que os substantivos são a categoria de Unidade Terminológica mais frequente em todos os três corpora, representando 53%, 54% e 39%, respectivamente, dos Corpus do Português, Corpus Traduzido e Corpus do Inglês. Em seguida, contrariando a nossa hipótese de que os textos em inglês apresentariam mais colocações adjetivas do que os textos em português, as colocações nominais representaram 25% do CT, 16% do CI e 22% do CP, enquanto as colocações adjetivas tiveram uma frequência de 24% no CP, 20% no CT e 10% no CI. Argumentamos, então, que essa predileção por unidades nominais (substantivo e colocações nominais) é uma característica do

³¹Disponível em <https://www.ufmg.br/periodicos/voce-sabe-o-que-sao-indexadores-para-os-periodicos-cientificos-a-gente-te-conta/#:~:text=A%20indexa%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20processo,que%20%C3%A9%20denominado%20por%20indexadores>. Acesso em 29 jun. 2025.

gênero textual de textos para websites de periódicos científicos de literatura, por seu caráter instrucional a nominalização é um recurso de objetividade e distanciamento. Além disso, foi encontrada apenas uma colocação prepositiva em cada corpus, demonstrando a uniformidade na escolha do nome *Sobre a Revista*, ou *About the Journal* em inglês, para uma das abas de todos os sites. Por outro lado, pelo fato de as revistas estadunidenses demonstrarem um comportamento distinto, com textos mais curtos e sem muitos detalhes em descrições de formatação de arquivo, como visto em UTs como *italics*, *bold* e *chart*, 34% das UTs não encontraram correspondência do CP para o CI. Também encontramos distinções na afiliação das revistas, que por não serem filiadas a um Programa de Pós-Graduação específico, mas a um departamento, por exemplo, não apresentam a UT *programa de pós-graduação*.

Igualmente, demonstramos na análise qualitativa que todas as UTs coletadas eram de fato unidades que transmitiam conhecimento especializado para a comunidade discursiva na qual e para a qual os textos e as traduções foram produzidas. Além disso, descobrimos que, apesar de as Unidades Fraseológicas possuírem núcleos terminológicos e eventivos, nem todo termo/UT é necessariamente o núcleo de uma UF, podendo ser encontrado no texto de maneira isolada, ou como parte integrante de uma oração que não é uma UF, ou mesmo como parte integrante periférica de uma UF, não sendo seu núcleo.

Ademais, podemos observar que as versões traduzidas das UTs por vezes são mais próximas à língua portuguesa do que a língua inglesa, como é o caso da tradução de Letras para *Letters*, com a escolha refletindo uma definição da palavra letras que apenas existe no português. Dessa forma podemos observar que os textos monolíngues são mais idiomáticos, enquanto os textos traduzidos estão circunscritos a um mesmo eixo gravitacional (Baker, 2004) que apresenta escolhas circunscritas a sintaxe do português ao invés daquelas que são mais idiomáticas e frequentes ao inglês. Neste contexto, as classificações encontradas para as escolhas tradutórias foram equivalência total com idiomatismo na única ocorrência de coligação prepositiva; duas equivalências totais, uma parcial e uma inclusão nas traduções das colocações nominais; os dois casos analisados de colocação adjetiva foram equivalência total; e os substantivos apresentaram uma variação de equivalência total, parcial e uma não correspondência.

Neste contexto, levando em conta todas essas observações e nossa motivação de auxiliar a internacionalização de sites de periódicos científicos brasileiros da área dos Estudos Literários, desenvolvemos um glossário para as 100 UTs mais frequentes no português, com traduções para o inglês baseadas nos exemplos reais encontrados no Corpus do Inglês, além de propor traduções para aquelas unidades que não tinham correspondência no CI.

Argumentamos que um glossário desenvolvido a partir de um corpus pode trazer exemplos autênticos extraídos do corpus, garantindo ao tradutor uma escolha mais confiável (Bevilacqua; Tagnin, 2015) que se aproxima ao uso real da língua pela comunidade discursiva da área de especialidade em questão. Esse glossário será, inclusive, usado como base de consulta para a nova tradução do site da revista *Ipotesi*, que motivou os estudos deste trabalho e que será revista após o seu desenvolvimento deste glossário, de forma a aprimorar a naturalidade de seus textos e a qualidade da tradução.

GLOSSÁRIO

UT em Português	Tradução Proposta	UT em Português	Tradução Proposta
Autor	author	Ciência aberta	open Science
Revista	journal	Documento	paper
Artigo	article	Letras	*depende do contexto, pode ser algo como Literature ou Linguistics
Publicação	publication	Tradução	translation
Submissão	submission	Abstract	abstract
Processo de avaliação pelos pares	double-blind peer review process	Declaração de direito autoral	copyright statement
Literatura	literature	Dossiê temático	special issue
Trabalho	work	Pesquisador	researcher
Resenha	review	Licença	license
Resumo	abstract	Língua inglesa	english
Normas para publicação	editorial guidelines	Língua portuguesa	portuguese
Pesquisa	research	Sobre a revista	about the journal
Referências	references / work cited	Submissões	submissions
Dados	data	Condições para submissão	submission guidelines
Palavras-chave	keywords	Notas de rodapé	footnotes
Número	issue	Site	site
Fonte [Word]	typed (tamanho) typeface (tipo de fonte)	Teoria literária	literary theory
Acesso Livre	open access	Reconhecimento de autoria	author information
Original	original work	Doutorando	PhD' student
Manuscrito	manuscript	Linguística	linguistics
Periódico	journal	Política de privacidade	Privacy statement
Pareceristas	referees	Requisitos bibliográficos	bibliography requirements

Citação	citation	Padrões de estilo	style standards
Entrevista	interview	Língua estrangeira	foreign language
Taxas de Submissão	publishing fees	Periódico científico	scholarly journal
Editor	editor	Gráfico	chart
Negrito	bold	Ilustrações	illustration
Comissão editorial	editorial committee	Margem	margin
Lauda	page	Equipe editorial	editorial team
Tabela	table	Normas da ABNT	ABNT standards
Programa de Pós-Graduação	graduate program	Indexador	indexers
Parecer	evaluation	Grupo de pesquisa	research group
Estudos Literários	Studies of Literature ou Scholarly Studies of Literature (acadêmico)	Processo editorial	editorial process
Corpo do texto	text body	Endereço eletrônico	URL addresses
Diretrizes para autores	author guidelines	Área de conhecimento	area of expertise
Direitos autorais	copyrights	Conhecimento científico	scholarly knowledge
Volume	volume	Linha editorial	editorial line
Alinhamento justificado	justified alignment	Política de acesso livre	open access policy
Espaço simples	single-spaced	Repositório	repository
Conselho editorial	editorial board	Keywords	keywords
Processo de submissão	submission process	Metadados	metadata
Preprint	preprint	Publicação contínua	continuous publication
Língua espanhola	spanish	Quadro	table
Obra	work	Recuo de parágrafo	indented
Figura	image	Anexo	annex
Foco e escopo	focus and scope	Titulação	degree
Itálico	italic	Mestrando	graduate student
Doutor	doctorate	Folha de rosto	title page
Periodicidade	periodicity	Conselho consultivo	editorial advisory board
Processo editorial	editorial process	Comentários ao editor	comments to the editor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo globalizado e o advento da internet intensificaram de forma exorbitante o intercâmbio cultural, tecnológico e científico entre os países do mundo. Esse contexto gerou a demanda pela internacionalização dos periódicos científicos brasileiros, que migraram para o

ambiente online, estabelecendo-se em sites próprios, e passaram a publicar textos em línguas distintas do português. Motivada pela vontade de contribuir com o movimento de internacionalização da revista científica na qual realizei um Treinamento Profissional durante a graduação, a revista de Estudos Literários IPOTESI – de forma que ela pudesse alcançar pesquisadores estrangeiros interessados em divulgar suas pesquisas no Brasil ou interessados em conhecer pesquisas brasileiras – este trabalho procurou alimentar uma demanda por termos técnicos em inglês da área dos periódicos científicos literários. Assim, procuramos reconhecer Unidades Terminológicas e Fraseológicas características de textos de websites de periódicos científicos da área dos Estudos Literários em português, bem como suas traduções para o inglês e seus correspondentes em texto escritos por nativos americanos, identificando os padrões de convencionalidade (Tagnin, 2005) e os condicionantes culturais (Azenha, 1999), discursivos e textuais (Swales, 1990) que os permeavam.

Neste cenário, procuramos discutir a presença de aspectos culturais no texto técnico, uma visão contrária à visão tradicional de que esses textos seriam uma mera transferência de termos técnicos de uma língua para outra. Para isso, argumentamos que a criação e a tradução do texto técnico é também uma prática social. Um texto, mesmo técnico, está inserido em um contexto e é produzido e/ou traduzido por um indivíduo, em um tempo, espaço e comunidade particular. Essa produção será, assim, exposta à inúmeras variáveis culturais como a própria passagem do tempo e do espaço; diferenças tecnológicas e científicas entre países; níveis de interferência de profissionais do texto; entre outras. Esses condicionantes culturais (Azenha, 1999), condicionam a realidade cultural em que o texto técnico, especialmente a tradução técnica, é produzida e recepcionada, conferindo certo grau de subjetividade à determinação da sua terminologia. Um condicionante cultural importantíssimo desses textos é a comunidade discursiva (Swales, 1990) em que eles estão inseridos, pela qual serão definidos o gênero textual, as convenções culturais e as convenções linguísticas que estarão presentes nos textos que a própria comunidade produz. Dessa forma, é importante que um tradutor, além de ter o domínio gramatical do par de línguas com que está trabalhando, tenha noção dos fatores culturais em que a comunidade discursiva que definirá os padrões de convencionalidade textual (Tagnin, 2005) está inserida. Ou seja, além de saber o que dizer em um texto, é preciso saber como a comunidade para a qual se está traduzindo diz.

Desse modo, será esse ambiente do texto, sua comunidade científica e seus padrões de convencionalidade linguística que acionará, ou não, o valor especializado dos termos e fraseologias (Krieger; Finatto, 2023; Bevilacqua; Kilian, 2017; Bevilacqua, 2005) responsáveis por transmitir o conhecimento especializado tão característico dos textos

técnicos. Por isso, essas Unidades Terminológicas e Fraseológicas não podem ser analisadas fora do contexto textual. Sob esse viés, este estudo se baseou em corpora para identificar as UTs e UFs características do gênero textual (textos instrucionais para sites de periódicos científicos da área de literatura) em questão e analisá-las, pois uma perspectiva funcional da tradução, que assuma uma abordagem descritivista associada à língua em uso, encontra na pesquisa em corpora respaldo para fazer escolhas tradutórias mais pertinentes à comunidade-alvo, permitindo ao tradutor enxergar as UTs e UFs aplicadas a contextos reais de comunicação.

Neste contexto, três corpora – Corpus do Português, Corpus Traduzido e Corpus do Inglês - foram compilados a partir dos textos presentes em 10 revistas científicas brasileiras da área dos Estudos Literários associadas a universidades (para o CP e para o CT) e 10 revistas científicas dos EUA (para o CI), sob os mesmos critérios, nas abas *Sobre a Revista* (*About the journal*, em inglês) e *Submissões* (*Submissions*). Do CP foram retiradas as 100 Unidades Terminológicas mais frequentes, e, a partir delas, foram identificados os padrões de convencionalidade e as correspondências que elas teriam em língua inglesa em um contexto de tradução e de produção por falantes nativos.

Dessa forma, aplicamos uma análise mista (qualitativa e quantitativa) para definir as Unidades Terminológicas características do gênero textual, em português e em inglês, a procura de padrões de uso (Tagnin, 2005). Dentro dessas unidades houve a presença dominante, nos três corpora, da categoria unitária dos substantivos, foram 53% (CP), 54% (CT) e 39% (CI) de frequência. No entanto, indo de encontro a nossa hipótese inicial de que no CI e no CT teriam mais colocações adjetivas do que colocações nominais – devido ao uso de estruturas nominais precedidas por modificadores ser uma tendência idiomática do inglês – os corpora apresentaram 20% (CT) e 10% (CI) de colocações adjetivas contra 25% (CT) e 16% (CI) de colocações nominais. Enquanto isso, o CP, que acreditávamos que apresentaria maior número de colocações nominais – pela predileção da língua portuguesa por construções nominais – apresentou 22% contra 24% de colocações adjetivas, uma diferença que tende a uma construção mais adjetival do que nominal, mesmo que pequena. Já a frequência de 1% de colocações prepositivas permaneceu a mesma nos três corpora, demonstrando a uniformidade na escolha do nome *Sobre a Revista*, ou *About the Journal* em inglês, para uma das abas do site. Ademais, por serem textos mais curtos, mais diretos e menos descritivos em quesitos de formatação de arquivos e procedimentos editoriais, 34% das UTs do CP não obtiveram correspondência no Corpus do Inglês.

Na análise qualitativa dos dados, pudemos observar que as versões traduzidas das UTs por vezes são mais próximas a língua portuguesa do que a língua inglesa, como é o caso da preferência por *author guidelines* como tradução para *diretrizes para autores*, mesmo que *submission guidelines* seja mais frequente no inglês; ou a tradução de Letras para *Letters*, com a escolha refletindo uma definição da palavra letras que apenas existe no português; ou mesmo a escolha por *scientific journal*, termo para ciências biológicas e exatas, ao invés de *scholarly journal* que abarca as ciências das humanidades. Dessa forma, pudemos observar que os textos monolíngues são mais idiomáticos, enquanto os textos traduzidos estão circunscritos a um mesmo eixo gravitacional (Baker, 2004) que faz escolhas tradutórias muito mais circunscritas à sintaxe do português do que idiomáticas ao inglês. Neste sentido, ao analisar as classificações das escolhas tradutórias das UTs encontradas, tivemos um número maior de equivalências totais de tradução, com algumas ocorrências de equivalência parcial e uma ocorrência de inclusão e uma de não correspondência, dentre os exemplos postos para uma análise mais detalhada.

Ademais, foi possível constatar que, além de todas as UTs encontradas transmitirem conhecimento especializado, as Unidades Fraseológicas também transmitem. As UFs ainda apresentam, de fato, núcleos terminológicos e eventivos, porém, nem toda UT é necessariamente o núcleo de uma UF, podendo ser encontrada no texto de maneira isolada, ou como parte integrante de uma oração que não é uma UF, ou mesmo como parte integrante periférica de uma UF, não sendo seu núcleo.

Por fim, este trabalho busca dar mais visibilidade a este tipo de tradução técnica no ambiente acadêmico, além de contribuir para a expansão dos estudos da Terminologia e para a discussão da presença de aspectos culturais na tradução técnica, não se limitando à visão dessa prática tradutória como uma transferência de termos técnicos de uma língua para a outra. Esperamos, ainda, que as discussões e as análises realizadas nesta pesquisa contribuam para a construção de futuras traduções de sites de periódicos científicos mais idiomáticas e naturais para o público-alvo, podendo extrapolar o nicho dos periódicos da área dos Estudos Literários. Não pretendemos, porém, esgotar a questão, dado a natureza limitada do corpus. Portanto, sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas com um conjunto ainda maior de revistas como corpus, para que suas análises sejam ainda mais representativas, ou que as pesquisas se expandam para sites de periódicos científicos de outras áreas que não os Estudos Literários, ou mesmo para tipos de sites acadêmicos diversos (como os sites institucionais), a fim de montar uma rede de auxílio a tradutores deste tipo de texto técnico presente em sites acadêmicos.

REFERÊNCIAS

AZENHA, J. J. **Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado**. São Paulo: Editora Humanitas, 1999.

BARBOSA, H. G. **Proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução**. In: *Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta*. 3 ed. 2004.

BAKER, M. A corpus-based view of similarity and difference in translation. **International Journal of Corpus Linguistics**, v. 9.2, p. 167-193, 2004

BEVILACQUA, C. R.; KILIAN, C. K. Tradução e Terminologia: relações necessárias e a formação do tradutor. **Revista Domínios da Linguagem**, v. 11, n. 5. Uberlândia, dez. 2017.

BEVILACQUA, C. R. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. **Revista Língua e Literatura**. v. 7, n. 11, 2005. p. 73-86

BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus: histórico e problemática. In: **DELTA** [online]. vol. 16, n. 2, 2000, p. 323-367.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE LOUISVILLE. **Diferenças entre journal e magazine**. Louisville, 2025. Disponível em: <https://library.louisville.edu/help/magazine-journal> Acesso em 17 março 2025.

BONILLA, J. M. H. Em 95% dos artigos científicos, inglês cria ‘ditadura da língua’. Apenas 1% está em português e espanhol. **Jornal El País**. Madri/São Paulo, jul. 2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-07-28/em-95-dos-artigos-cientificos-ingles-cria-ditadura-da-lingua-apenas-1-esta-em-portugues-e-espanhol.html%20-%20Acesso%20em%2007%20jul.%202025>. Acesso em: 07 jul. 2025.

CORRÊA, A. C. D. **Contribuições da Linguística de Corpus para os estudos da tradução: um estudo de caso a partir da Tradução Técnica**. Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Letras, Tradução-Inglês. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2023.

CONVENCIONALIDADE. **In.:** HOUAISS, Dicionário Online de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php// Acesso em 21 jul. 2025

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. Tradução e Sociolinguística Variacionista: a língua pode traduzir a sociedade?. **Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, São Paulo, n. 20, 2010.

DIRETRIZ. **In.:** HOUAISS, Dicionário Online de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss. Disponível em:
https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/148209:313/
Acesso em 07 março 2025.

IPOTESI, Revista de Estudos Literários. **Website do periódico.** Disponível em:
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/index> Acesso em 5 maio 2025.

KRIEGER, M. G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia:** teoria e prática. 2 ed. 2023.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns.** Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAUDA. **In.:** HOUAISS, Dicionário Online de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss. Disponível em:
https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/861/lauda -
Acesso em 04 ago. 2025.

LETRAS. **In.:** HOUAISS, Dicionário Online de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss. Disponível em:
https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/d29/letras
-Acesso em 13 março 2023.

LETRA. **In.:** HOUAISS, Dicionário Online de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss. Disponível em:
https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/d29/letras
-Acesso em 13 março 2023.

MARTINS, T. C. **Tradução de resumos e abstracts:** aspectos semântico-sintáticos e discursivos. Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Letras, Tradução-Inglês. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

NASSI-CALÒ, L. Avaliação por pares: modalidades, prós e contras. **Scielo em Perspectiva**, São Paulo, março 2015. Disponível em:
<https://blog.scielo.org/blog/2015/03/27/avaliacao-por-pares-modalidades-pros-e-contras/>
Acesso em: 14 março 2025.

NORD, C. **Translating as a Purposeful Activity:** functionalist approaches explained. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

PERIÓDICO. **In.:** HOUAISS, Dicionário Online de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss. Disponível em:
https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/e24/peri%C3%B3dico
Acesso em 13 março 2025.

PORTAL DE PERIÓDICOS UFMG. **Você sabe o que são indexadores para os periódicos científicos? A gente te conta!** Belo Horizonte: UFMG, 2017. Disponível em: <https://www.ufmg.br/periodicos/voce-sabe-o-que-sao-indexadores-para-os-periodicos-cientificos-a-gente-te-conta/#:~:text=A%20indexa%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20processo,que%20%C3%A9%20denominado%20por%20indexadores> Acesso em: 29 jun. 2025.

RINCO, L. **O uso de corpora para minimizar inconsistências na tradução e localização de tecnologia de informação em gestões empresariais.** Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Letras, Tradução-Inglês. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.

REVISTA. **In.:** HOUAISS, Dicionário Online de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/bc0/revista Acesso em 13 março 2025.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, C. P. da. **Análise das traduções de resumos/resúmenes publicados em uma edição da revista Signótica.** Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Letras, Tradução-Espanhol. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2023.

SUCUPIRA. **Qualis Periódicos.** Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf> Acesso em 05 maio 2025.

SWALES, J. **Genre Analysis:** English in academic and research settings. New York: Cambridge University Press, 1990.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz:** expressões convencionais e idiomáticas. São Paulo: Editora Disal, 2. ed., 2005.

ANEXOS

Anexo 1 - As 100 Unidades Terminológicas mais frequentes do Corpus do Português, sua correspondência, ou não, nos Corpus Traduzido e do Inglês e sua classificação quanto aos padrões convencionais de combinabilidade.

UT no CP	Classificação	UT no CT	Classificação	UT no CI	Classificação
Autor	Substantivo	Author	Substantivo	Author	Substantivo
Revista	Substantivo	Journal / Magazine	Substantivo	Journal / Magazine	Substantivo
Artigo	Substantivo	Article	Substantivo	Article	Substantivo
Publicação	Substantivo	Publication	Substantivo	Publication	Substantivo
Submissão	Substantivo	Submission	Substantivo	Submission	Substantivo
Processo de avaliação pelos pares	Colocação Nominal	Double-blind peer review process	Colocação Nominal	Double-blind peer review process	Colocação Nominal
Literatura	Substantivo	Literature	Substantivo	Literature	Substantivo
Trabalho	Substantivo	Work	Substantivo	Work	Substantivo
Resenha	Substantivo	Review	Substantivo	Review	Substantivo
Resumo	Substantivo	Abstract	Substantivo	Abstract	Substantivo
Normas para publicação	Colocação Nominal	Editorial guidelines	Colocação Adjetiva	Submission Guidelines	Colocação Adjetiva
Pesquisa	Substantivo	Research	Substantivo	Research	Substantivo
Referências	Substantivo	References	Substantivo	References	Substantivo
Dados	Substantivo	Data	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Palavras-chave	Colocação Nominal	Keywords	Substantivo	Keywords	Substantivo
Número	Substantivo	Number	Substantivo	Issue	Substantivo
Fonte [Word]	Substantivo	Font size	Colocação Nominal	Typeface [tipo de fonte] Typed [tamanho]	Substantivo
Acesso Livre	Colocação Adjetiva	Open Access	Colocação Adjetiva	Gold Open Access	Colocação Adjetiva
Original	Substantivo	Original work/text	Colocação Nominal	Article	Substantivo
Manuscrito	Substantivo	Manuscript	Substantivo	Manuscript	Substantivo
Periódico	Substantivo	Journal	Substantivo	Journal / Periodical	Substantivo
Pareceristas	Substantivo	Reviewers	Substantivo	Referees	Substantivo
Citação	Substantivo	Citation	Substantivo	Citation	Substantivo
Entrevista	Substantivo	Interview	Substantivo	Interview	Substantivo
Taxas de Submissão	Colocação Nominal	Fees	Substantivo	Fees / publishing fess	Substantivo / Colocação Nominal
Editor	Substantivo	Editor	Substantivo	Editor	Substantivo

Negrito	Substantivo	Bold	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Comissão editorial	Colocação Adjetiva	Editorial committee	Colocação Adjetiva	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Lauda	Substantivo	Page	Substantivo	Page	Substantivo
Tabela	Substantivo	Table	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Programa de Pós-Graduação	Colocação Nominal	PostGraduate Program	Colocação Nominal	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Parecer	Substantivo	Evaluation	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Estudos literários	Colocação Adjetiva	Literary Studies	Colocação Adjetiva	Studies of Literature	Colocação Nominal
Corpo do texto	Colocação Nominal	Text body	Colocação Nominal	Body of work	Colocação Nominal
Diretrizes para autores	Colocação Nominal	Author guidelines	Colocação Nominal	Author Guidelines	Colocação Nominal
Direitos autorais	Colocação Adjetiva	Copyright	Substantivo	Copyright	Substantivo
Volume	Substantivo	Volume	Substantivo	Volume	Substantivo
Alinhamento justificado	Colocação Adjetiva	Justified alignment	Colocação Adjetiva	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Espaço simples	Colocação Adjetiva	Single-spaced	Colocação Adjetiva	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Conselho editorial	Colocação Adjetiva	Editorial Board	Colocação Adjetiva	Editorial Board	Colocação Adjetiva
Processo de submissão	Colocação Nominal	Submission process	Colocação Nominal	Submission process	Colocação Nominal
Preprint	Substantivo	Preprint	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Língua espanhola	Colocação Adjetiva	Spanish	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Obra	Substantivo	Work	Substantivo	Work	Substantivo
Figura	Substantivo	Figure	Substantivo	Image	Substantivo
Foco e escopo	Colocação Nominal	Focus and Scope	Colocação Nominal	Focus and Scope	Colocação Nominal
Itálico	Substantivo	Italics	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Doutor	Substantivo	PhD degree	Colocação Nominal	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Periodicidade	Substantivo	Periodicity	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Ciência aberta	Colocação Adjetiva	Open Science	Colocação Nominal	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Documento	Substantivo	Document	Substantivo	Paper	Substantivo
Letras	Substantivo	Language / Literature	Substantivo	English / Literature	Substantivo
Tradução	Substantivo	Translation	Substantivo	Translation	Substantivo
Abstract	Substantivo	Abstract	Substantivo	Abstract	substantivo
Declaração de direito autoral	Colocação Nominal	Copyright Notice	Colocação Nominal	Copyright policies	Colocação Nominal
Dossiê temático	Colocação Adjetiva	Special Issue	Colocação Adjetiva	Special Issue	Colocação Adjetiva
Pesquisador	Substantivo	Researcher	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Licença	Substantivo	License	Substantivo	License	Substantivo
Língua inglesa	Colocação Adjetiva	English Language	Colocação Nominal	English	Colocação Nominal

				Language	
Língua portuguesa	Colocação Adjetiva	Portuguese	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Sobre a revista	Colocação Prepositiva	About the Journal	Colocação Prepositiva	About the journal / About	Colocação prepositiva
Submissões	Substantivo	Submissions	Substantivo	Submissions	Substantivo
Condições para submissão	Colocação Nominal	Submission guidelines	Colocação Nominal	Submission guidelines	Colocação Nominal
Notas de rodapé	Colocação Nominal	Footnotes	Substantivo	Footnotes	Substantivos
Site	Substantivo	Site	Substantivo	Site	Substantivo
Teoria literária	Colocação Adjetiva	Literary theory	Colocação Adjetiva	Literary theory	Colocação Adjetiva
Reconhecimento de autoria	Colocação Nominal	Author identification	Colocação Nominal	Author Identification	Colocação Nominal
Doutorando	Substantivo	Doctoral Student	Colocação Nominal	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Linguística	Substantivo	Linguistics	Substantivo	Linguistics	Substantivo
Política de privacidade	Colocação Nominal	Privacy statement	Colocação Nominal	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Requisitos bibliográficos	Colocação Adjetiva	Bibliographic requirements	Colocação Adjetiva	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Padrões de estilo	Colocação Nominal	Style standards	Colocação Nominal	Style Guide	Colocação Nominal
Língua estrangeira	Colocação Adjetiva	Foreign language	Colocação Adjetiva	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Periódico científico	Colocação Adjetiva	Scientific Journal	Colocação Adjetiva	Scholarly journal	Colocação Adjetiva
Gráfico	Substantivo	Chart	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Ilustrações	Substantivo	Illustrations	Substantivo	Illustrations	Substantivo
Margem	Substantivo	Margin	Substantivo	Margin	Substantivo
Equipe editorial	Colocação Adjetiva	Editorial Team	Colocação Adjetiva	Editorial Team	Colocação Adjetiva
Normas da ABNT	Colocação Nominal	ABNT norms	Colocação Nominal	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Indexador	Substantivo	Indexer	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Grupo de pesquisa	Colocação Nominal	Research group	Colocação nominal	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Processo editorial	Colocação Adjetiva	Editorial Process	Colocação Adjetiva	Editorial Process	Colocação Adjetiva
Endereço eletrônico	Colocação Adjetiva	URL addresses	Colocação Nominal	Link	Substantivo
Área de conhecimento	Colocação Nominal	Field / area of expertise	Substantivo / Colocação Nominal	Field / area of expertise	Substantivo / Colocação Nominal
Conhecimento científico	Colocação Adjetiva	Scientific knowledge	Colocação Adjetiva	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Linha editorial	Colocação Adjetiva	Editorial line	Colocação Adjetiva	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Política de acesso livre	Colocação Nominal	Open access policy	Colocação Nominal	Gold open access	Colocação nominal
Repositório	Substantivo	Repository	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Keywords	Substantivo	Keywords	Substantivo	Keywords	Substantivo
Metadados	Substantivo	Metadata	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	

Publicação contínua	Colocação Adjetiva	Continuous flow / continuous publication	Colocação Adjetiva	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Quadro	Substantivo	Chart	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Recuo de parágrafo	Colocação Nominal	Indentation of paragraph	Colocação Nominal	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Anexo	Substantivo	Annex	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Titulação	Substantivo	Degree	Substantivo	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Mestrando	Substantivo	Master's student	Colocação Nominal	Graduate student	Colocação Nominal
Folha de rosto	Colocação Nominal	Cover Sheet	Colocação Nominal	Title Page	Colocação Nominal
Conselho consultivo	Colocação Adjetiva	Editorial Advisory Board	Colocação Adjetiva	Editorial Advisory Board	Colocação Adjetiva
Comentários ao editor	Colocação Nominal	Comments to the editor	Colocação Nominal	SEM CORRESPONDÊNCIA	
Processo editorial	Colocação Adjetiva	Editorial Process	Colocação Adjetiva	Editorial Process	Colocação Adjetiva